

APARATO DAS VARIANTES

- 1) reinam] B: reinaõ | C: reinão
- 2) ouro] C: d'ouro
- 3) Cuiabá] B: de Cuiabá
- 4) suppunham] B: suppunhaõ | C: suppunhão
- 5) entraram] B: entraraõ | C: entrarão
- 6) alguns] C: algum̃s
- 7) descoberto] B: descobrimento | C: descobrimento
- 8) Guayazes] C: Guiazes
- 9) alguns] C: alguns
- 10) senaõ] B: se naõ | C: se não
- 11) desistiu] C: dezestio
- 12) empresa] C: empreza
- 13) norte] B: de Norte
- 14) subditos] C: suditos
- 15) cincoenta] B: 50 e tantos annos | C: cinqüenta e tantos annos
- 16) descobriram] B: descobriraõ | C: descobrirão
- 17) temeridade] C: temeridão
- 18) conquistado] B: conquistado | C: conquistando
- 19) nesta] B: neste Cuiabá | C: nesta Cuiabá
- 20) comunicavam] B: annunciára | C: annunciava
- 21) Cuuya-avá] B: Cuuyaavá | C: Cuiajaavá
- 22) Significa] C: segnefica
- 23) Coxipónezes] B: coxipozes | C: coxiponezes
- 24) Habitual-os] B: habituarem-nos | C: habituarem-nos
- 25) aportaram] B: portaram | C: portaram
- 26) rio Cuiabá] B: rio do Cuiabá | C: rio do Cuiabá
- 27) aguas] B: d'agua | C: de agoa
- 28) 2,3 e 4] C: duas, três e quatro leguas
- 29) comtudo] C: com tudo
- 30) cingido] C: singido
- 31) dividia todo] B: dividia o rio todo | C: dividia o rio todo
- 32) termo com que.....abaixo] B: Ø | C: Ø
- 33) abalroar] B: abalcoar
- 34) permanescessem] B: permaneceraõ | C: permanecerão
- 35) seguiu-se] B: se seguio | C: se seguio
- 36) representava] C: representa
- 37) comeffeito] B: com effeito | com effeito
- 38) lúcidas] B: pelucidas | C: pelucidas
- 39) floresncentissimas] C: florentissimas
- 40) do Pires] B: lagôa do Pires | C: lagôa do Pires
- 41) desconhecidas] B: tão desconhecidas | C: tão desconhecidas
- 42) ao] B: o mesmo
- 43) C: < não consta a frase> “ o qual no fim do roteiro affirmava haver lhe dado o mesmo Anhanguera ”
- 44) canôa] B: causa | C: causa

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

- 45) alem de não...] B: alem de se não confirmarem, digo alem de se não confirmarem
encontraraõ-se | C: alem de se não confirmarem, encontrarão
- 46) mostrando-lhe ele] B: mostrando ele | C: mostrando ele
- 47) com tudo] b: comtudo
- 48) se] B: Ø | C: Ø
- 49) para] B: p.^a | C: p.^a.
- 50) para] B: por que | C: P. ã
- 51) verdadeira] B: verdade
- 52) d'ali] B: Ø | C: Ø
- 53) fugidos] B: foragidos | C: foragidos
- 54) regato] B: negado | C: negado
- 55) Joste] B: Jorte | C: Jorte
- 56) lhe] B: se
- 57) conservavam] B: conservaram | C: conservavão
- 58) conservavaõ] B:conservaraõ | C: conservavão
- 59) indicará] C: que indicava?
- 60) procuravam] B: procuraraõ | C: procuravão
- 61) deviam] B:deviriam | C: deverião
- 62) Delute] B: Deleste | C: Deleste
- 63) Juina ou Jeruema] B: Juina ou Jeruena | C: Juruena ou Juina
- 64) (falta em TA as frases:) B: e que elas estão em um dos rios que despejão nos Arinos;
claro fica | C: e que elas estão em um dos rios que despejão nos Arinos; claro fica
- 65) o arinos] B: o rio dos Arinos | C: o rio dos Arinos
- 66) faldas] B: fraldas | C: flardas
- 67) utencís] B: utencilios | C: utencilios
- 68) de escravaturas] B: que possuã escravaturas
- 69) prestar] B: prestar-se
- 70) quanto] B: quando
- 71) fazendeiros] C: Os Criadores de gado
- 72) expedição] C: a fim de conduzir os trens da expedição
- 73) devem] B: devem, e para o qual devemos
- 74) aguias] B: a guia
- 75) cabo maior] B: Cabo encarregado | C: Cabo encarregado
- 76) desertos e incultos sertões] C: sertões e incultos desertos
- 77) F.] B: Fuaõ
- 78) substituir] B: substitua | C: substitua
- 79) um ou dous] C: tem um escravo ou dous
- 80) mestiços] B: mixtos | C: mixtiços
- 81) crioulos] B: creoulos
- 82) lhe resiste] C: resiste
- 83) nota do copista] B: Ø | C: Ø
- 84) sobremodo] B: demodo | C: de modo
- 85) subditos] C: suditos
- 86) desprezo] B: desespero
- 87) força] B: paz | C: paz
- 88) subditos] C: suditos
- 89) explorar] B: Ø
- 90) subditos] C: suditos.

MIQUÉAS NUNES DOS SANTOS

**MEMÓRIA Á RESPEITO DO DESCOBRIMENTO DOS
MARTYRIOS – REVERENDO PADRE JOSÉ MANOEL DE
SIQUEIRA: EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA, FAC-SIMILAR E
GLOSSÁRIO**

**CUIABÁ – MT
2005**

MIQUÉAS NUNES DOS SANTOS

**MEMÓRIA Á RESPEITO DO DESCOBRIMENTO DOS
MARTYRIOS – REVERENDO PADRE JOSÉ MANOEL DE
SIQUEIRA: EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA, FAC-SIMILAR E
GLOSSÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem.

Área de concentração: Estudos Lingüísticos
Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

**Instituto de Linguagens da UFMT
CUIABÁ – MT
2005**

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Orientador

AGRADEÇO

A Deus por ter me concedido vida, saúde e capacidade para chegar ao final deste trabalho.

A minha querida esposa Tereza pelo apoio, incentivo e encorajamento de forma incondicional, possibilitando-me as condições favoráveis durante todo o tempo que estive envolvido com o curso do mestrado e a construção desse trabalho.

Ao professor Manoel Mourivaldo Santiago Almeida pela orientação firme a que me conduziu a uma melhor elaboração do pensamento.

A meus três filhos, Fábio, Tiago e Daniella por compreender os momentos em que me ausentei de suas programações em função da escrita deste trabalho.

Aos meus irmãos e irmãs da igreja por terem me apoiado nas suas orações e se preocupado comigo em muitos momentos.

Aos professores e professoras de letras que me receberam de braços abertos, e sempre estiveram prontos a me ajudarem.

À banca examinadora, professor Marcos Antônio Moura Vieira e César Nardelli Cambraia pelas valiosas e indispensáveis contribuições, por ocasião do exame de qualificação, que muito enriqueceu este trabalho.

Às professoras Maria Inês Pagliarini Cox, Marieta Prata de Lima Dias, e Karin Elizabeth Rees de Azevedo, pela amizade e preocupação em contribuir com esse trabalho, disponibilizando textos sobre o tema.

Ao professor Domingos pela revisão segura e dedicada feita neste trabalho.

À Universidade Federal de Mato Grosso, por dar-me a oportunidade de desenvolver esse trabalho, inclusive concedendo-me a bolsa de apoio para capacitação, que muito me ajudou.

À equipe da Progg e da Proad, e suas respectivas Pró-reitoras, pelo apoio irrestrito para que pudesse desenvolver a pesquisa.

Ao prefeito do *campus*, Rubens Mauro Ribeiro Leite, pela compreensão e apoio durante o período de afastamento do serviço público.

A Isaiás Alcides Souza e Silva, pelo encorajamento e apoio incondicional, disponibilizando os recursos materiais para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Tereza Josefa Cruz dos Santos, minha esposa, companheira e amiga, que soube ser gentil, cuidadosa e dedicada para comigo nos momentos em que muito precisei. Sobretudo pela sua compreensão humana, o seu respeito ao meu processo de produção e a generosidade com que sempre me acolheu.

“A reta final de uma coisa muito importante, é assim mesmo, a gente fica quase sem razão, no momento que mais precisamos dela. Ainda bem que a gente se supera e o bom senso nos guia dentro dos limites do que é possível fazer até chegarmos ao ponto final”.

Marcos Vieira.

“(...) Tudo isto experimentei pela sabedoria; e disse: tornar-me-ei sábio, mas a sabedoria estava longe de mim”.

Salomão.

RESUMO

SANTOS, M.N. dos. *Memória á respeito do descobrimento dos Martyrios – reverendo padre José Manoel de Siqueira: edição semidiplomática, fac-similar e glossário.*

Este trabalho tem o propósito de apresentar a edição semidiplomática, a edição fac-similar, e um glossário do manuscrito do século XIX, que tem por título *Memória á respeito dos Martyrios pelo Padre José Manoel de Siqueira*. No primeiro capítulo, ao tratar do trabalho filológico, apresentamos os principais conceitos da filologia, de acordo com cada autor; no segundo, apresentamos dados sobre o autor do documento, o padre José Manoel de Siqueira, suas obras e idéias; fazemos, também, uma descrição detalhada do *códice* que compõe o *corpus* da pesquisa; no terceiro, justificamos a opção pela realização de dois tipos de edição, fac-similar e semidiplomática, os critérios adotados na transcrição da segunda, e apresentamos as edições; no quarto capítulo, temos o glossário seletivo, em que selecionamos um grupo de vocábulos, considerados por nós como pouco comuns, para facilitar ainda mais o entendimento do texto. Segue ainda três anexos, em que reunimos, além do aparato das variantes, outro *códice* da *Memória* e acrescentamos mais três manuscritos relacionados ao mesmo tema.

ABSTRACT

This work intends to introduce de semidiplomatic edition, the fac similar edition, and a glossary of the manuscript from the XIX century, whose title is “*Memoria á respeito dos Martyrios*” by *Padre José Manoel de Siqueira*. In the first chapter, when we deal the philology work, we show the main concept of the philology, according with each author; in the second, we show information about the documents author, “*Padre José Manoel de Siqueira*”, his work and ideas; we still make a description with detail of the code of the search; in the third chapter, we make just the option by realizing two kind of edition, the fac-similar and the semidiplomatic, the adopted criterion in the semidiplomatic transition, and we show those editions; in the fourth chapter, we have a selective glossary, where we choose a vocabulary group that we consider not common, intending to make easy the text’s understanding. This work still have three attached, where we put together another ***Memória*** code, three else manuscript about the same subject and some variation help.

¹MARTYRIOS.

Memória pelo Padre José Manoel de Siqueira

copiado do original pelo
Doutor Severiano da Fonseca
1877

¹ Neste fólio encontramos várias inserções, que indicam mudança de punho, conforme descrito a seguir:
I-31,21,6 (ant.) 22,1,7 CEHB,6579 cod _____ nº 6 14-10 c.316

Memoria

á respeito do descobrimento dos Martyrios
pelo
Reverendo Padre José Manoel de Siqueira

Muitos annos ha, que por tradiçãõ, reinam¹ noticias de tres grandes descobertos de oiro² nesta Capitania: Urumacuan, nos limites de Matto Grosso, Jayme e Martyrios, nos do Cuiabá!³

5 Pelo primeiro descobrimento se interessou o *Senhor* Luis de Albuquerque, no anno de 1776, mandando examinar os sertões em que se suppunham⁴ as minas; comtudo, ou por fabulosas, ou por falta de praticos, não se effectuou.

Ao segundo, entraram⁵ alguns⁶ particulares no Cuiabá,
10 com igual sorte; e só pelo terceiro (e talvez unico verdadeiro) ainda não consta que do Cuiabá entrasse alguém á diligenciar os Martyrios, sendo que tem mais antigo e maior nome que os dous.

Na Capitania de *São* Paulo, diligenciou este descoberto⁷ o

15 *Senhor* Conde de Sarzedas, na era de 1723, mandando o Capitão
Bartholomeu Bueno da Silva, aliás Anhanguera (x) aos Mar-
tyrios; o qual no seguinte anno descobriu as minas dos Guaya-
zes.⁸ Da mesma Capitania dos Guayazes intentou
o *Senhor* Tristaõ da Cunha fazer este descobrimento, para o que
20 fez conduzir a Villa Boa alguns⁹ sertanejos e noticiosos dos
Martyrios: porém conhecendo que não podiam ficar senão¹⁰
aquem do Rio Grande, id est, Araguaya, e por isso pertencendo
ao Cuiabá, desistiu¹¹ da empresa:¹² e só desta capitania
se não tem feito expedição alguma para o rumo Norte,¹³ onde
25 de ficam as famigeradas minas dos Martyrios. Talvez que
a Providencia tenha destinado este descobrimento para a época
presente, em que tanto se precisa de oiro, e em que te-

(x) Termo que na lingua Guarany diz – diabo que foi.

mos um Governo que tanto se interessa pelo augmento da Real
30 Fazenda e utilidade dos seus subditos.¹⁴
Confiado, pois, de que não serão despresadas as circunstancias da
tradição dos ditos Martyrios, eu passo á narrar o que sei, por ter
ouvido á meu Pai, o *Capitão* Antonio do Prado Siqueira (1); os juisos
que formo á esse respeito; e á final, os meios economicos com que
35 se poderá fazer tão interessante descoberta.
O *Capitão* Antonio Pires de Campos (2) intimo amigo de meu Pai,
e collega do *Capitão* Bartholomeu Bueno da Silva, no tempo em

(1) Sempre mereceu o nome de verdadeiro, quer em *Saõ* Paulo, d' onde era natural,
quer em Cuiabá, onde viveu cinquenta¹⁵ e tantos annos; - e hoje em dia, existem ainda
40 sugeitos, quer em Villa Bella, quer nesta villa, que o conheceram.

(2) Este foi o Pai do Coronel Antonio Pires de Campos, que asolou o gentio Cayapó,
invasor da Capitania dos Guayazes.

que por casualidade descobriram¹⁶ ouro nos Martyrios, – estranhando a
temeridade¹⁷ de Bartholomeu, que procurava aquellas minas pelos desconhe-
45 cidos sertões que medeiam entre *Saõ Paulo* e os ditos Martyrios, quando só
deveria entrar por esta villa, – entãõ, referia o acontecimento da espediçaõ
que tinham feito, pela maneira seguinte:

Que o gentio Bororó, conqui-
tado¹⁸ nesta¹⁹ Cuiabá (1) pelos antigos sertanistas, em *Saõ Paulo* comunicavam²⁰
50 haver no centro do sertão uma poderosissima naçaõ denominada Coroá.
Os Paulistas, anciosos por esta conquista (pois era a unica riqueza
que havia e aspiravam), emprehenderam fazer uma expediçaõ, vulgo
bandeira, para esta conquista, e com effeito se embarcaram e vieram
ao Cuiabá estes sertanistas, entre os quais Pires e Bartholomeu, que

55 (1) Eram trez alojamentos: Cuuya – avá²¹ (que significa²² gente cahida) e os dous
Coxipónezes²³ merim e guaçú, id est, pequeno e grande

eram meninos, em companhia de seus Paes, que os traziam para os
industrial e habitual-os²⁴ ás agrestidades do Sertaõ; e aportaram²⁵ nes-
te Rio Cuiabá,²⁶ no sitio que se apellida hoje Saõ Gonçalo Velho.

60 Daquelle porto insinuados e guiados pelos Bororós (1) que traziam,
seguiram por terra, subiram a serra da Canastra e nella foram acõ-
mettidos de uma grande tempestade de aguas,²⁷ ventos e raios: abriga-
ram-se ao penedo da Canastra, e acolhidos nas suas cavidades,
por occasiã dos fuzis bradavam por Saõ Geronimo; ficando denomi-
65 nado até o presente Serra e penedo de Saõ Geronimo. Dali segui-
ram sempre á rumo de Norte (2), com jornadas de 2, 3 e 4²⁸ leguas, em

(1) Este gentio foi o mais guerreiro e de *mais* coragem que os Paulistas encontraram na sua
conquista: – hoje, em dia, o seu residuo, parte habita na origem do rio Porrudos e tem epicte-
to de Pararionés e parte no rio Cabaçal, com o de Aravirás.

70 (2) Ainda que Pires não conhecia rumo, comtudo²⁹ affirmava que o sol lhe sahia á direita
e se punha á esquerda

ordem a montaria e sustentação (1); e viajando desta sorte em poucos dias descobriram um rio capaz de navegação, que pela côr d'agua ser branca como leite lhe chamaram Paranátinga, aliás Rio Branco; atravessando-o
75 e seguindo o mesmo rumo se-acharam com outro, tambem, navegavel, e por advertencia dos Bororós, ahi fizeram canoas e rodaram (2) por elles alguns dias (3). Deixando o rio, continuaram por terra, seguindo o mesmo rumo por alguns dias, até que encontraram outro rio, que, affirmava Pires ser taõ grande como o Cuiabá, porém taõ cingido³⁰ de pedras
80 que se dividia³¹ todo em regatinhos, e por isso atravessaram-o á pé enxuto. Este, pois, era o pais do Coroá, e por isso, manda-

(1) Sustentavam-se á boca da escopeta, ou á seta dos Bororós.

(2) Termo com que os mato grossenses exprimem a navegação do rio abaixo (*Nota do copista*)³²

(3) Deveria fazer-lhes feição; e se embarcaram para facilitar a viagem.

85 ram exploradores para examinarem a situação e o meio de a abalroar.³³

Como ali permanecessem por alguns dias, observaram que da³⁴ parte de além rio estava uma collina na qual se viam algumas pedras soltas e elevadas; umas configurando columnas, outras, escadas e outras, coroas; do que seguiu-se³⁵ o dizerem que aquelle monte continha os instrumentos dos Martyrios de Christo.

90 Neste rio, pois, entre as pedras é que viram pedacinhos de ouro, redondo como os vermelhinhos tentos de jogar, os quais Pires e Bartholomeu colheram alguns mais bem configurados, para brincarem.

Os mais sertanistas também viram e colheram alguns, porém longe de suporem que fosse ouro, pois ainda não havia conhecimento.

95 delle no Brasil. Ainda Pires disse mais, que na mesma collina se viam como pevides de melaõ da mesma materia, misturados com pedras e burgalhaõ, os quais deitaram alguns em uma lata, que tinha sido de chá, e com ella brincavam como

100 se fosse chocalho. Nesse tempo, voltaram os emissarios dizendo
que, visto o alojamento do Coroá, de cima do morro, represen-
tava³⁶ ser taõ grande como a villa de *Saõ Paulo* (1); e com esta no-
ticia se desvaneceu a conquista intentada; e os sertanistas, que
eram em numero pouco mais de cem, acauteladamente se
105 retiraram antes que fossem presentidos do Coroá ; e comeffeito³⁷
tornaram pela mesma via ao Cuiabá e daqui para *Saõ Paulo*, onde
acharam noticias e amostras de ouro do descobrimento das Minas
Geraes (2). Intentaram, por vezes voltar ao Cuiabá: destinando-se aos

110 (1) Ainda nesse tempo *Saõ Paulo* não se tinha acclamado Cidade, o *que* aconteceu no anno de 1712,
já no reinado do *Senhor Rei Dom Joaõ V*.

(2) A invenção dos Martyrios deveria acontecer no intervalo de 1668 á 1706, porque certamente no
reinado do *Senhor Rei Dom Pedro II* foi o descobrimento de Minas Geraes, por uma casualidade, de irem os Pau-
listas em seguimento de alguns escravos indios que se haviam retirado ao sertão; e acharam num { {rasura} }
córrego certas pedras verdes e lúcidas,³⁸ que foram á *Sua Magestade*; e por ordem régia voltaram no mesmo ser-

115 Martyrios; porém nada se effectuou, porque as visinhas Minas Geraes estavam
florescentissimas,³⁹ e nellas se occuparam e entretiveram por tempo em que
se fizeram homens Pires e Bartholomeu. Ambos, em *Saõ* Paulo se-casa-
ram; mas Pires viuvando, retirou-se com seus filhos e escravos indios
para o Cuiabá, e aqui se-situou ao pé da mesma serra de *Saõ* Geronimo
120 junto á uma lagoa, que ainda hoje se-chama do Pires;⁴⁰ assim como
a sua situação, tapera (1) do Pires; distante desta villa seis leguas;
onde narrou {o que } á meu Pai o que aqui descrevo, mofando Pires das
aventuras de Bartholomeu, quando intentou achar os Martyrios, por
veredas desconhecidas.⁴¹ Esta é

125 taõ, porém não acharam até hoje as esmeraldas procuradas, mas, sim, muito ouro no
ribeiro do Carmo e Ouro Preto, hoje Villa Rica e cidade de Mariana.
(1) Termo gentílico que significa – povoação que foi.

a narração do *Capitão* Antonio Pires de Campos, que eu não alcancei; porém refiro o que, ha 48 annos, ouvi á meu Pai. Agora passo á ponderar
130 não só a respeito da existencia desse descoberto incoberto, mas ainda do sitio em que deverá existir.

Que não são fabulosas as minas dos Mar-
tyrios, comprovam-o as grandes deligencias que fizeram as capitancias de São
Paulo e Guayazes; e de mais disso, quem obrigou ao⁴² capitão Bartholomeu Bueno da Silva Anhanguera (1) á expor-se á uma aventura tão peri-
135

(1) Em nome de Anhanguera correm alguns Roteiros, dos quaes, eu vi 3; o 1º dado pelo mesmo Anhanguêra ao *Reverendo Doutor* Joaõ d' Almeida e Sá, vigario que foi, do Cuiabá, o qual,⁴³ no fim do roteiro, affirmava haver-lhe dado o mesmo Anhanguêra, em recompensa de ter elle Almeida apatrocinado uma canôa⁴⁴ sua na
140 cidade de São Paulo. O 2º vi em Guayazes, enviado ao *Senhor* Tristaõ da Cunha, por Bartholomeu Bueno de Campos, filho do primeiro; e o 3º trouxe Alexandre Bueno de Gusmaõ, neto do primeiro Bartholomeu (hoje ajudante de milicias em Villa Bela), e o deu ao *Senhor* Caetano Pinto; – e certamente, alem de não se conformarem⁴⁵ encontra-se em cada um contradicões, incoherencias e por fim, confusaõ.

gosa e arriscada, se elle mesmo não tivera visto ouro, e em
145 tanta abundancia que o obrigou á andar errante por esses sertões,
e por tanto tempo, até que a casualidade {{ descobriu }}lhe fizesse descobrir Minas
de ouro na Serra Dourada (1) dos Guayazes.

(1) Já na desesperação se achava Anhangüera quando chegou aos limites
do gentio Guayá; e mostrando-lhe elle⁴⁶ ao gentio o ouro que trazia de amostra, es-
150 te lhe indicou a Serra Dourada, que dista de Villa Boa trez leguas. Por ordem
do *Senhor* Tristaõ da Cunha, eu fui a essa serra no mez de maio de 1798; e discor-
rendo por ella, descobri a arvore do papel (coisa rara, por conter o tronco des-
ta arvore, como contextura, um como caderno de papel em vez de epiderme) e
umas ricas minas de ferro: e entãõ observei as *grandes* cavidades que na Serra
155 Dourada fizeram os antigos mineiros dos Guayazes, os quaes, certamente, re-
baixaram a serra, dos lugares auriferos, o melhor de cem palmos, deixan-
do descarnados os filoës de quartzo; e com tudo,⁴⁷ posso bem affirmar que é
mais o ouro contido que o extrahido da serra. Os mineiros modernos
conhecem isso bem, porém temem-se de algum abatimento; e
160 como não sabem o modo de se⁴⁸ conduzir a terra para baixo, e menos
a agua ao cume da serra para⁴⁹ a lavagem, - para⁵⁰ o que ella é sum-
mamente esteril, – ali jazerá o ouro, até que haja maior conhe-
cimento e industria no Brasil. [[da linha 158 a partir de ...os Mineiros até a linha 163 ...no Brasil o texto está
atravessado no fólio]].

165 É inegável que existem as minas dos Martyrios, e também que é verdadeira ⁵¹
a relação do Pires; pois que o Rio Branco, que no Cuiabá passou sempre por
patranha, José Luiz Monteiro (hoje alferes de Hussares) viu e passou por
elle com 50 homens que o acompanharam na expedição que o *Senhor* Caetano
Pinto mandou d'ali ⁵² sobre um quilombo de pretos fugidos, ⁵³ que já não ex-
{ {..} }istia; e então se verificou a existencia do regato ⁵⁴ Paranátinga.
170 O outro rio que flue no do Arinos, e que João de Sousa, no seu diario,
chama de *São* João, existe, por que João Viegas Joste, ⁵⁵ também o confirma
no seu roteiro, e com muita razão lhe ⁵⁶ chama o rio dos Tapajóz.
Agora, digo eu: não sendo esse o rio Araguaya do caminho de Guayazes (1)
qual pode ser senão o mesmo de que fallou Pires e o mesmo que contém
175 as minas dos Martyrios ? Houve na capitania do Pará uma
tradição de que os missionarios jesuitas conservavam ⁵⁷ grandes minas
no interior do Sertão; e aquelle rio de agua suja que João de Sousa

(1) Eu vi, em Lisboa, uma carta do *Senhor Doutor* Francisco Innocencio de Souza, escripta ao na-

Azevedo viu desaguar pela parte oriental dos Arinos, não
180 vigora esta tradição ? E a cautella com que os mesmos jesuitas con-
servavaõ⁵⁸ nas margens do rio Tapajóz um armazem, que forneciam
de viveres todos os mezes, sem que jamais se encontrassem. os im-
portadores com os exportadores, que indicará⁵⁹ ? É bem de sup-
pôr que com semelhante cautella procuravam⁶⁰ os jesuitas conservar
185 em segredo as minas achadas (*que* não duvido fossem as dos Martyrios), e
o mais foi que conseguiram.

turalista Alexandre Rodrigues Ferreira, na *qual* disse ter felismente concluido a exploração, que man-
dára fazer do rio Araguaya, affluente do rio dos Tocantins; e que subindo este até a passagem
do Zedas (*que* é a mesma que uzavamos no trajeto *para* os Guayazes) se não tinha encontrado mais
190 obstaculo para ser navegado: e daqui se vê que este rio Araguaya não flue no dos Arinos
como suppoz João de Sousa, mas sim no dos Tocantins, como disse o *Senhor Doutor* Francisco, que
o mandou examinar.

195 Á respeito desses Jesuitas, ainda tenho mais que ponderar sobre as minas
encobertas, porque em um dos tomos dos Sermões do *Padre Antonio Vieira*,
ha 40 annos li um, da 1º oitava de Pascoa, com o thema: Qui sunt hi
sermonis, quos confertis ad invicem ambulantes et estis tristes. (1);
em que de proposito Vieira dissuadia o povo do Pará da veracidade
de umas minas, cujas amostras corriam pela cidade, dizendo que
o ouro era fundido; o que ainda se pode ver no mesmo sermaõ, se al-
200 gum curioso conserva os deste grande Orador.

Naõ posso entender como pode um pregador, do character de Viei-
ra sem prevençaõ, formalizar assumpto para um sermaõ de
Mysterio, das amostras falsas ou verdadeiras de ouro que appa-
receram na cidade de Belem do Pará! Que cuidados deviam⁶¹
205 causar á um Missionario a invençaõ de minas auríferas? As-
sáz se me representa, por estas prevençoẽs, a cautella do arma-
zem e as aguas enlodadas, – que naõ era falsa a noticia

(1) Naõ me [ilegível] por ser em latim.

das minas do Sertão; e sendo este descobrimento verdadeiro
210 podemos dizer que o ouro, primeiro foi conhecido na capitania do
Pará do que na de *São Paulo*; que a sua patria é o terreno que
medeia entre o Rio dos Arinos e o Araguaya (1) ac per consequens
ali se deverá procurar, examinando os rios, serras e campanhas que
chamam taboleiros, pois que mineiros não devem procurar,
215 como costumam, formações, porem, ouro – que é o objeto da
mineração.

Tenho exposto as rasoês que me obrigam á considerar verdadeiras

(1) Eu tenho uma carta geographica de *Mui reverendo padre Delute*,⁶² reformada em 1785 por *Dezanches*, em que si-
tua, já, a foz do Araguaya no Tocantins; e a do Tapajoz unida com o Juina ou Jeruema⁶³ (*) no
220 dos Amazonas; deixando o continente ou lingua de terra – da minha esperança e da minha suspeita
cortada longitudinalmente pelo Rio Xingú, como se pode ver na cópia da mesma carta, que
ajunto à esta memória.

(*) Nota do copista: o Juina é confluyente do Juruena, que por cair no Ari-
nos forma o Tapajóz.

225 as minas dos Martyrios: para mim já não serão fabulas imaginadas, ou patranhas de sertanistas: resta sabermos quaes devam ser os meios de as descobrir.

Eu proponho já os meus sentimentos, que á muitos pareceraõ paradoxos, por que saõ meus.

230 Sabido já que nos intervallos dos rios Arinos e Araguaya existem estas minas; e ⁶⁴que a exploração deverá ser feita descendo pelo mesmo Arinos, até á foz do Tapajoz, de Joaõ Viegas ou do *Saõ* Joaõ, de Joaõ de Sousa; esubindo-se este rio dever-se-ha examinar todos os que da parte oriental nelle entrarem até as suas origens, e frustrada essa 1^a deligencia se descera a procurar a
235 outra seguinte barra; e assim se fará a indagação por esse e outro lado. Depois deste exame, se poderaõ os aventureiros recolher á esta villa pelo caminho de terra, com menos custo e trabalho doque subindo novamente o Arinos. ⁶⁵ Es-

te modo de indagar é mais trabalhoso e mais dispendioso,
240 porem, sem contradição mais seguro do que por terra, sem co-
nhecimento dos rios, que vadeiam das serras que encontraraõ
e ainda da terra que pizam, em uma campanha tao vasta
e sem pratico; e mais, quando se haja de tentar o descobrimento
dos Martyrios pela via de terra, ja se vê que será sempre a Der-
245 rota a rumo Norte do Cuiabá, examinando as faldas⁶⁶ e cumes,
das serras, que forem capazes de exames e todos os rios que encon-
trarem, sem excepção dos mesmos ribeiros manantes das serras.
E neste caso de terra, poderaõ os exploradores conduzir na sua
mesma bagagem gado manso, que lhes servirá para as cargas
250 de conducção do municiamiento de boca, e mesmo de alimento
quando a necessidade o pedir; e ainda melhor, porque já
no Cuiabá está *mu*ito em uzo domarem os bois para carga;
e estes, mansos, saõ mais seguros e mais valentes que as

255 mesmas bestas. E como a viagem do sertão nunca excede a jornada de duas leguas, commoda e facilmente se poderá conduzir os apprestos, utencís⁶⁷ e instrumentos de mineirar

Estas são as vias de procurar ouro a rumo *Norte* do Cuiabá:

resta-me apontar aqui o methodo de fazer em poucas horas

260 muitas e muitas provas na campanha; como, porém, de proposito tratei dessa materia em outra memoria, que tambem apresento, – a ella me-reporto.

Segue-se a expor meu sentimento a respeito da despeza que necessariamente se tem de fazer com esta expedição.

265 Na mesma memoria mencionada eu propuz o meio, que então me lembrou, de aggregar sertanejos para entrar no Sertão das trez capitancias das minas do Cuiabá, a conjunctura dos tempos; e a final a possibilidade dos actuaes moradores: e por isso digo, que os interessados nestas expedições, aliás bandei-

270 ras, são: a Real Fazenda, os homens mineiros, {{ ... }} de escravaturas,⁶⁸
os commerciantes, lavradores, e criadores de gado vaccum.

A Real Fazenda, que se interessa nos direitos que pagam
as minas; e quanto mais ouro se extrahir tanto mais se au-
gmentaraõ os quintos desse ouro: me parece que não será *muito*
275 se assistir com o armamento, polvora, chumbo, pedras de espin-
garda e sal. Os mineiros, que possuirem mais
de doze escravos, deveraõ dar um de cada doze que possuem,
que virá com a ferramenta de minerar: estes serviraõ para
o trabalho, pelo conhecimento que tem de minas; e os seus Se-
280 nhores deveraõ ser os mais interessados nos descobrimentos da
sua profissãõ; e não é muito que dêem os escravos precisos.
Os comerciantes devem prestar⁶⁹ quanto⁷⁰ se necessitar da
fazenda para a expedição, inquam algodaõ para o vestuario
que precisam para o sertoã, toldas, marmitas, caldeiroẽs,

285 panelas de ferro, pregos e anzóes; pois que se interessam na
venda das suas mercadorias e cobranças das suas dividas.
Os lavradores deverãõ concorrer com os mantimentos precisos
que são: milho, feijãõ, arroz, farinha e toucinho; pois que
havendo descoberto ouro se transformaraõ em mineiros pa-
290 ra o desfructarem, alem de venderem o seu mantimento.
aos outros por altissimo preço.
Os fazendeiros⁷¹ de gado deverãõ assistir com os bois já domesti-
cados para a carga e condução do trem da expedição⁷² e com a carne
seca precisa; dando juntamente algum dos seus vaqueiros para
295 lidar com o gado no sertãõ: pois tambem são interessados nas
introducções das boiadas, carne seca e sebo para os novos desco-
bertos, e tudo por alto preço.
Os que tiverem menos de 12 escravos, e o resto do povo, deve-
rãõ contribuir com certo estipendio por cabeça de escravos,

300 que lhe fica, e só por uma vez, para pagamento do Cabo –
maior encarregado e de alguns escravos, que deverãõ nesta
expedição ir asalariados. Este é o unico meio de fa-
zer, segundo me-parece, este taõ decantado descobrimento.
e para o qual devem⁷³ todos concorrer.

305 Ainda naõ disse de que individuos se deve compor a ex-
pedição, tanto a respeito do seu numero como do meio
de os haver sem detrimento do real serviço nos Presidios.

É certo que nem todos saõ capazes para as emprezas
dos sertões, mas tambem é verdade que muitos conside-
310 rados ineptos na sociedade, saõ aguias⁷⁴ na campanha.

Os aventureiros desta empresa naõ devem ser escolhidos se- [[nesta linha a palavra não aparece entre linhas]]
naõ pelo Cabo maior⁷⁵ e que com elles tem de lidar pelos
desertos e incultos sertões;⁷⁶ e por isso precisamente se naõ
deveraõ enviar tantos homens, *verbi gratia* milicianos, paisanos

315 da ordenança; porém sejam elles quaes forem sem
destinção de côr, devem ser aquelles que se-conhecem habeis
para semelhante expedição. Eu me explico
com este exemplo: o arriador de *Fuaõ*⁷⁷ é muito duro e intelli-
gente de Sertaõ; venha e outro para o substituir.⁷⁸ *Fuaõ* tem
320 um ou dous⁷⁹ escravos muito habeis; que venham, si
tem de dar escravos; e quando não, se ajustem por jornal
para seu senhor; e marchem. *Fuaõ* tem dous filhos que
são capazes, por animosos, expertos no Sertaõ; da mesma forma.
Fuaõ conserva um bom escopeteiro e bom pescador, porem
325 ainda é muito rapaz; que venha esse mesmo, que
ainda melhor se fará com o exercicio, e mais, quando
a viagem do sertaõ não fatiga por ser muito vagarosa; assim
este modo, se pode ajuntar entre brancos, indios, mula-
tos, mestiços⁸⁰ e ainda pretos crioulos⁸¹, cem pessoas ha-

330 beis, e com vinte escravos de trabalho temos o numero de cento
e vinte pessoas de que se deverá compôr a expedição ou ban-
deira: e não me digam que é pouca gente para uma ex-
pedição tão distante, e no golpho do gentio, por que á is-
so respondo que á esta gente toda com a vantagem de
335 saber atirar a espingarda e com os arcabuzes reunos ne-
nhum poder do Gentio lhe-resiste⁸² (1); principalmente marchan-

(1) Inventei para meu uzo, no tempo em que o gentio Cayapó invadira o Cuiabá, certos
cartuchos carregados com polvora, buchas e quartos e ainda chumbo grosso misturado,
com os quartos que não precisam de varêtas; em 1 anno 1772 ensinei a tres escravos
340 meus a carregar com estes cartuchos, e entã observei o activissimo fogo que faziam
trez espingardas. Da mesma sorte observei que as balas e chumbo miudo são
inuteis no combate com o gentio; e só tem bom effeito os quartos miudos vul-
go perdigotos, que de um tiro crismam a muitos (Ah ! Paroco !)⁸³

do unidos, e havendo as cautellas que são precisas, não ha que
345 temer o gentio, quer este seja de coragem e por isso acommetedor
quer cobarde e por isso traiçoeiro. Parece-me que *mais*
difficil será achar-se um chefe, ou cabo maior, como lhe chamam
e quatro menores, alem de um escrivão fiel, que saibam con-
duzir com prudencia e conservar com industria a escolta na
350 desesperada vida do sertão (1). Chamei desesperada, porque
nelle falta todo o socorro de que estão costumados a participar
nos povoados; maxime a gente bisonha, que vê dar cal-
do de feijão aos enfermos purgados, carne de veado aos conva-
lescentes, e finalmente, vendo sepultar á um companheiro

355 (1) Quando faltam affabilidade e agrado nos cabos das expediçoés, de ordinário
desertam; e se malogra uma deligencia pela imprudencia do chefe. Mais de
uma vez vi este acontecimento nas expediçoês feitas no Cuiabá.

ao pé de uma arvore, sobremodo⁸⁴ desanima (chamam amoar
ou empacar), que dali em diante é uma praça morta; é
360 um invalido que acompanha a expedição só como testemu-
nha de vista. O cabo-maior deve ser experiente a respeito
de minas de ouro; deve ter prudencia e coragem; deve ser a-
cautellado em toda a occasião (1); deve comportar-se com
respeito entre seus subditos,⁸⁵ porém com benignidade; de
365 sorte que o-temam e juntamente o amem. Este nesces-
sario affecto se-adquire por meio de cuidado e amor para com
os enfermos e feridos nos combates, e dando louvor público á *quem*
o merecer, em ordem á causar inveja ou emulação para a
seguinte empresa. Longe o desprezo;⁸⁶ longe a descompostura,

370 (1) Tenho notado que todas as vezes que ha invasão do gentio, sempre se dá, ou
grande descuido, ou grande confiança na apparente força⁸⁷ com que o gentio cos-
tuma entrar.

assim como o escarneo da cobardia de alguns subditos, que é inteiramente inhabilitado; em uma palavra; seguir o methodo
375 do Coronel Antonio Pires de Campos, que o seu maior estudo no sertão era agradar os seus subditos⁸⁸ como companheiros; de modo que quando se acabava a empreza, se despediam do chefe com lagrimas. Deste modo se formará nos incultos uma aula de sertanejar e explorar⁸⁹ campanhas; nella se conhecerão os que fo-
380 rem capazes de governar e reger expedições, das quaes dependem a invenção de novas minas e desta a utilidade da Real Fazenda e o interesse de todos os moradores da capitania.

E póde bem ser que esta seja a época taõ desejada, em que se felicitam os povos, por industria e direcção de quem tanto se
385 esmera em fazer felizes a todos os seus subditos.⁹⁰

S237m Santos, Miquéias Nunes dos.

Memória a respeito do descobrimento dos martyrios – revê-
Rendo padre José Manoel de Siqueira: edição semidiplomática,
Fac-similar e glossário./ Miquéias Nunes dos Santos. – Cuiabá:
O autor, 2005.

SEM INFORMAÇÃO DAS PÁGINAS.

Orientador: Prof.Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.
Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Gros-
So. Instituto de Linguagens. Mestrado em estudos de linguagens.
Campus Cuiabá.

1. Língua. 2. Filologia. 3. Linguagem. 4. Estudo filológico.
5. Texto escrito. 6. Mato Grosso. I. Título.

CDU 801.8

Entrada. - Cat. Gram. - N.º de ocorr. - Local da ocorr. - Acepção.
ABALROAR, v.- 01- l. 85. Encontrar com ímpeto para se combaterem.
ABATIMENTO, s.m.- 01- l.159 Incapacitado por desânimo ou moléstia.
ACOMMETTEDOR, s.m.- 01- l. 345. Que investe, que ataca, bravo.
ACTIVÍSSIMO, adj.- 01- l. 340. Forte.
AGRESTIDADES, adj.- 01- l. 58 Selvagem, Estéril.
ALFERES de Hussares, s.m.- 01- l. 166. Titulo honorífico.
AMOAR, v.- 01- l. 358. Parar
APPRESTO, s.m.- 01- l. 257. Material necessário para fazer alguma coisa.
ARAVIRÁS, s.m.- 01- l. 69. Etnia indígena.
ARCABUZES, s.m.- 01- l. 335. Antiga arma de fogo, de cano curto e largo.
ARINOS, s.m.- 07- l. 170, l. 179, l. 190, l. 212, l. 229, l. 231, l. 238. Rio que corre ao norte de Mato Grosso.
ARRIADOR, s.m.- 01- l. 318. Indivíduo que cuida de cavalos.
AUGMENTO, s.m.- 01- l. 29. Ato de aumentar alguma coisa.
BESTAS, s.f.- 01- l. 255. Fêmea do cavalo.
BISONHA, adj.- 01- l. 232. Que tem pouca ou nenhuma experiência.
BORORÓ, s.m.- 04- l. 48, l. 60, l. 76, l. 82. Etnia indígena.
BURGALHAÕ, s.m.- 01- l. 98. Cascalho.
CABAÇAL, s.m.- 01- l.69. Rio ao norte de Mato Grosso.
CABOS, s.m.- 01- l. 355. Chefes.
CABO-MAIOR, s.m.- 04- l. 300, l. 312, l. 347, l. 361. Líder maior da expedição, ou bandeira.
CAMPANHA, s.f.- 05- l. 213, l. 242, l. 260, l. 310, l. 379. Campo de grande extensão.
CANASTRA, s.f.- 02- l. 61, l.63. Nome de serra

Entrada. – Cat. Gram. - N.º de ocorr. - Local da ocorr. - Acepção.
CAPITANIA, s.f.- 09- l. 2, l. 14, l. 18, l. 42, l. 133, l. 175, l. 210, l. 267, l. 382. Primeira divisão administrativa do Brasil.
CAPITAÕ, s.m.- 06- l. 6, l. 7, l. 15, l. 33, l. 128, l. 134. Chefe de bandeira.
CARTA, s.f.-03- l. 21, l. 178, l. 218. Mapa geográfico.
CAYAPÓ, s.m.- 02- l. 41, l. 337. Etnia indígena.
CINGIDO, adj.- 01- l. 79. Cheio de pedras.
CONFIGURADOS, v.- 01- l. 93. Tomar forma.
CONTEXTURA, s.f.- 01- l. 153. O modo como se apresenta um tecido orgânico.
COROÁ, s.m.- 04- l. 50, l. 81, l. 101, l. 105. Etnia indígena.
CORTADA, adj.- 01- l. 221. Atravessada.
COXIPÓNESES, s.m.- 01- l. 56. Topônimo. Nome de antigo alojamento de bandeirantes.
DEITARAM, v.- 01- l. 98. Colocaram.
DELUTE, s.m.- 01- l. 218. Nome próprio.
DERROTA, s.f.- 01- l. 244. Rumo, direção.
DESCARNADOS, adj.- 01- l.157. descobertos.
DESCOMPOSTURA, s.f.- 01- l. 369. Reprimenda feita a alguém.
DESESPERAÇÃO, s.f.- 01- l. 148. Desespero.
DESVANECEU, v.- 01- l. 103. Esmoreceu.
DEZANCHES, s.m.- 01- l. 218. Nome de Homem.
DILIGENCIAR, v.- 01- l. 11. Procurar.
DISCORRENDO, v.- 01- l. 151. Percorrendo.
EMPACAR, v.- 01- l. 359. Parar, ficar parado.
EMPREZA, s.f.- 02- l.308, l. 377. Empreendimento para a realização de um objetivo.

Entrada. – Cat. Gram. - N.º de ocorr. – Local da ocorr. – Acepção.
EMULAÇÃO, s.f.- 01- l. 368. Competição, disputa.
ENLODADAS, adj.- 01- l. 207. Sujas.
EPICTETO, s.m.- 01- l. 68. Apelido.
ESCRAVATURAS, s.f. 01- l. 270. Escravos.
ESTIPENDIO, s.m.- 01- l. 299. Contribuição.
FABULOSAS, adj.- 02- l. 7, l. 132. Que não é bem conhecido- fábula
FALDAS, s.f.- 01- l. 245. A base de monte, ou de serra.
FAMIGERADAS, adj.- 01- l. 25. Famosas.
FEIÇÃO, s.f.- 01- l. 84. Desejo de agradar.
FELICITAM, v.- 01- l. 384. Congratulam.
FILÕES, s.m.-01- l. 157. Veio, afloramento.
FLORESCENTÍSSIMAS, adj.- 01- l. 116. Que está no auge.
FORMO, v.- 01- l. 34. Concebo.
GENTILICO, adj.- 01- l. 127. Relativo a indígena.
GOLFO, s.m.-01- l. 333. Território.
GUAÇÚ, adj.- 01- l. 156. Grande.
GUARANY, s.m.- 01- l. 28. Língua indígena.
GUAYÁ, s.m.- 01- l. 149. Etnia indígena, antigo habitante de Goiás.
GUAYAZES, s.m.- 09- l. 17, l. 18, l. 42, l. 134, l. 140, l. 147, l. 155, l. 173, l. 189. Etnia indígena, antigo habitante de Goiás.
INCULTOS, adj.- 02- l. 313, l. 378. Selvagem, agreste, e/ou sem preparo.
INEPTOS, adj.- 01- l. 310. Sem aptidão.
INHABILITADO, adj.- 01- l. 374. Incapacitado.
INSINUADOS, v.- 01- l. 60. Direcionados, orientados.
INTRODUÇÕES, s.f.- 01- l. 296. Dar entrada, introduzidos.

Entrada. – Cat. Gram. - N.º de ocorr. – Local da ocorr. - Acepção.
JERUEMA, s.m.- 01- l. 219 .Variação de Rio Juruena, que corre ao norte de Mato Grosso.
JERUENA, s.m.-01- l. 222 Idem.
LÚCIDAS, s.f.- 01- l. 114. Brilhantes.
MALOGRA, v.- 01- l. 356. Fracassa.
SUMMAMENTE ESTERIL, adj.- 01- l. 162. Improdutiva.
MANANTES, adj.- 01- l. 247. Que mana ou jorra.
MAXIME, adj.- 01- l. 352. Principalmente.
MEDEIA, v.- 02- l. 45, l. 212. Situar-se entre.
MOFANDO, v.- 01- l. 122. Zombando.
MUNICIAMENTO, s.m.- 01- l. 250. Abastecimento para a guerra.
OITAVA, s.f.- 01- l. 195. Período de 8 dias de festa religiosa.
ORDENANÇA, s.f.- 01- l. 315. Exército.
ORDINÁRIO, adj.- 01- l. 355. Conforme o costume.
PARARIONÉS, s.m.- 01- l. 69. Etnia indígena.
PATRIA, s.f.- 01- l. 211. Território.
PENEDO, s.m.- 01- l. 63. Grande massa de rocha saliente nas encostas ou nos morros.
PERDIGOTOS, s.m.- 01- l. 343. Chumbo miúdo para caça.
PEVIDES, s.f.- 01- l. 97. Semente achatada.
PORRUDOS, s.m.- 01- l. 68. Nome de rio.
PURGADOS, adj.-01- l. 353. Com Corrimentos, ou supurados.
QUARTOS, s.m.- 03- l. 42, l. 338, l. 339. Usado em lugar de quartzo. Uma leitura equivocada do copista.
REGATINHOS, s.m.- 01- l. 80. Pequenos veios d'água.
SERRA DOURADA, s.f. - 03- l. 50, l. 55, l. 147. Nome de serra.

Entrada. – Cat. Gram. - N.º de ocorr. – Local da ocorr. – Acepção.
SUBDITOS, s.m.- 05- l. 30, l. 85, l. 76, l. 364, l. 373. Natural da Colônia em relação à Metrópole.
DEVERÁ, v.- 04- l. 131, l. 213, l. 230, l. 331. Regra imposta por conveniência.
TABULEIROS, s.m.- 01- l. 214. Planaltos com pequenas elevações.
TOLDAS, s.f.- 01- l. 284. Peça de madeira que serve para colocar grãos.

Entrada. – Cat. Gram. - N.º de ocorr. - Local da ocorr. - Acepção.
URUCUMACUAN, s.m.- 01- l. 2. (indígena). Antiga mina de ouro.
UTENCIS, s.m.- 01- l. 257. O mesmo que tralha.
VACCUM, adj.- 01- l. 271. Espécie de gado.
ZEDAS, s.m.- 01- l. 189. Nome de homem.

Apresentamos em seguida uma lista das demais lexias utilizadas por José Manoel em sua *Memória*. São termos que mantêm o mesmo sentido da atualidade, por isso faz-se desnecessário apresentar as acepções.

ABAIXO	ANCIOSOS
ABRIGARAM	ANDAR
ABUNDANCIA	ANHANGUERA
ACABAVA	ANIMOSOS
ACAUTELLADO	ANNO
ACCLAMADO	ANTIGO
ACHAR	ANTONIO DO PRADO SIQUEIRA
ACOLHIDOS	ANZÓES
ACOMETTIDOS	APATROCINADO
ACOMPANHA	APELLIDA
ACONTECER	APONTAR
ACTUAES	APORTARAM
ADQUIRE	APPARECERAM
ADVERTENCIA	APPARENTE
AFFABILIDADE	APRESSENTO
AFFECTO	AQUELLE
AFFIRMAR	AQUEM
AFFLUENTE	ARAGUAYA
AGGREGAR	ARMAMENTO
AGORA	ARMAZEM
AGRADAR	ARRISCADA
AGUA	ARROZ
AGUIAS	ARVORE
AINDA	ASALARIADOS
AJUDANTE	ASOLOU
AJUNTAR	ASPIRAVAM
AJUSTEM	ASSUNPTO
ALCANCEI	ATIRAR
ALEM	ATRAVESSANDO
ALEXANDRE BUENO DE	AULA
GUSMAÕ	AURIFEROS
ALEXANDRE RODRIGUES	AVENTURA
FERREIRA	AZEVEDO
ALGODAÕ	BAGAGEM
ALGUEM	BAIXO
ALGUM	BALAS
ALOJAMENTO	BANDEIRA
ALTISSIMO	BARRA
ALTO	BARTHOLOMEU BUENO DA
AMAZONAS	SILVA
AMBOS	BARTHOLOMEU BUENO DE
AMBULANTES	CAMPOS
AMEM	BELA
AMIGO	BELEM
AMOR	BEM
AMOSTRA	BENIGNIDADE

BOA	CIDADE
BOCA	CIMA
BOIADAS	CINCOENTA
BOIS	CIRCUNSTANCIAS
BOM	COBARDE
BRADAVAM	COBRANÇAS
BRANCA	COISA
BRANCO	COLHERAM
BRASIL	COLLEGA
BRINCAREM	COLLINA
BUCHAS	COLUMNAS
CABEÇA	COMBATE
CABOS	COMMERCIAANTES
CADERNO	COMMODA
CAETANO	COMPANHEIRO
CAHIDA	COMPANHIA
CAHREGAR	COMPOR
CALDEIROEoS	COMPORTAR
CALDO	COMPROVAM
CAMINHO	COMUNICAVAM
CAMPOS	CONCLUIDO
CANÕA	CONCORRER
CAPAZ	CONDE DE SARZEDAS
CARACTER	CONDUCCÃO
CARGA	CONDUZIR
CARMO	CONFERTIS
CARNE	CONFIANÇA
CARREGADOS	CONFIRMA
CARTUCHOS	CONFLUENTE
CASARAM	CONFORMAREM
CASO	CONFUSAÕ
CASUALIDADE	CONHECEM
CAUSAR	CONHECIMENTO
CAUTELLA	CONJUNCTURA
CAVIDADES	CONQUISTA
CEM	CONSEGUIRAM
CENTO	CONSEQUENS
CENTRO	CONSERVA
CERTAMENTE	CONSIDERAR
CERTO	CONTINENTE
CHÁ,	CONTRADIÇÃO
CHAMA	CONVALESCENTES
CHEFE	CÓPIA
CHOCALHO	COPIADO
CHRISTO	COPISTA
CHUMBO	CORAGEM

COROAS
CORONEL
CÓRREGO
COSTUMA
COSTUMADOS
CRIADORES
CRIoulos
CRISMAM
CUIDADOS
CUME
CURIOSO
CUSTO
DECANTADO
DECERÁ
DÊEM
DEITARAM
DEIXANDO
DELIGENCIA
DENOMINADO
DEPENDEM
DESAGUAR
DESCOBERTA
DESERTAM
DESERTOS
DESESPERADA
DESFRUCTAREM
DESISTIU
DESPEDIAM
DESPEZA
DESPREZADAS
DESPREZO
DESTINADO
DESTINÇÃO
DETRIMENTO
DIABO
DIFFICIL
DIRECÇÃO
DIREITA
DIREITOS
DISPENDIOSO
DISSUADIA
DISTA
DISTANTE
DITOS
DIVIDAS
DIVIDIA

DOM JOAÃO V
DOMAREM
DOMESTICADOS
DOUS
DOUTOR
DUQUE
DURO
DUVIDO
ECONOMICOS
EFFECTUOU
EFFEITO
ELEVADAS
EMBARCARAM
EMISSARIOS
EMPREHENDERAM
ENCARREGADO
ENCOBERTAS
ENCONTRARAM
ENFERMOS
ENTENDER
ENTRAR
ENTRETIVERAM
ENVIAR
ENXUTO
EPIDERME
ÉPOCA
ERAM
ERRANTE
ESCADAS
ESCARNEO
ESCOLHIDOS
ESCOLTA
ESCOPETA
ESCOPETEIRO
ESCRAVOS
ESCRIPTA
ESCRIVAÕ
ESMERA
ESMERALDAS
ESPEDIÇÃO
ESPERANÇA
ESPINGARDA
ESQUERDA
ESTRANHANDO
ESTUDO
EXAMINAR

EXCEDE
EXCEPÇÃO
EXEMPLO
EXERCICIO
EXPEDIÇÃO
EXPERIENTE
EXPERTOS
EXPLICO
EXPLORAÇÃO
EXPOR
EXPORTADORES
EXPOSTO
EXPRIMEM
EXTRAIR
FABULAS
FACILITAR
FACILMENTE
FALSA
FALTA
FARINHA
FATIGA
FAZENDA
FAZENDEIROS
FEIJAÕ
FEITA
FELISMENTE
FELIZES
FERRAMENTA
FERRO
FIEL
FILHO
FLUE
FOGO
FORÇA
FOREM
FORMA
FORMAÇÕES
FORMALIZAR
FORMARÁ
FORNECIAM
FOSSE
FOZ
FRANCISCO INOCENCIO DE
SOUZA
FRUSTRADA
FUAÕ

FUGIDOS
FUI
FUNDIDO
FUZIS
GADO
GENTE
GENTIO
GEOGRAPHICA
GERONIMO
GONÇALO
GOVERNAR
GOVERNO
GRANDES
GUERREIRO
GUIADOS
HABEIS
HABITA
HABITUAR
HAJA
HAVENDO
HOJE
HOMENS
HORAS
HOUE
IGUAL
IMAGINADAS
IMPORTADORES
IMPRUDENCIA
INCOBERTO
INCOHERENCIAS
INDAGAÇÃO
INDAGAR
INDICARÁ
INDIOS
INDIVIDUOS
INDUSTRIA
INDUSTRIAR
INEGÁVEL
INSTRUMENTOS
INTEIRAMENTE
INTELLIGENTE
INTENTADA
INTENTARAM
INTERESSA
INTERESSADOS
INTERESSANTE

INTERESSE
INTERIOR
INTERVALO
INTIMO
INUTEIS
INVADIA
INVALIDO
INVASÃO
INVASOR
INVEJA
INVENÇÃO
INVENTEI
IR
ISSO
JAIME
JAMAIS
JAZERÁ
JESUITAS
JOÃO d' ALMEIDA E SÁ
JOÃO DE SOUZA
JOÃO VIEGAS JOSTE
JOGAR
JORNADA
JORNAL
JOSÉ
JUINA
JUIZOS
JUNTAMENTE
JUNTO
LADO
LAGOA
LAGRIMAS
LATA
LATIM
LAVAGEM
LAVRADORES
LEGUAS
LEITE
LEMBROU
LIDAR
LIMITES
LINGUA
LISBOA
LISTAS
LONGE
LONGITUDINALMENTE

LOUVOR
LUGARES
LUIS ALBUQUERQUE
MAGESTADE
MAIO
MAIOR
MANDOU
MANEIRA
MANOEL
MANSO
MANTIMENTO
MARCHANDO
MARGENS
MARIANA
MARMITAS
MARTYRIOS
MATERIA
MATOGROSSENSES
MEIOS
MELAÕ
MELHOR
MEMORIA
MENCIONADA
MENINOS
MENORES
MERCADORIAS
MERECEER
MERIM
MESMA
MESTIÇOS
METHODO
MEUS
MEZ
MILHO
MILICIANOS
MILICIAS
MINAS GERAES
MINEIRAR
MINEIROS
MINERAÇÃO
MISSIONARIOS
MISTURADO
MIUDO
MODERNOS
MODO
MONTARIA

MONTEIRO
MORADORES
MORRO
MORTA
MOSTRANDO
MULATOS
MYSTERIOS
NAÇÃO
NADA
NARRAÇÃO
NARRAR
NATURAL
NATURALISTA
NAVEGAÇÃO
NAVEGADO
NAVEGAVEL
NECESSARIAMENTE
NECESSIDADE
NECESSITAR
NENHUM
NECESSARIO
NOME
NORTE
NOTA
NOTADO
NOTÍCIA
NOTICIOSOS
NOVAMENTE
NOVO
NUMERO
NUNCA
OBJETO
OBRIGAM
OBSERVEI
OBSTACULO
OCCASIAO
OCCUPARAM
ORADOR
ORDEM
ORIENTAL
ORIGEM
ORIGINAL
OURO
OUTRA
OUVIDO
PADRE

PAGAM
PAGAMENTO
PAI
PAISANOS
PALAVRA
PALMOS
PANELAS
PAPEL
PARADOXOS
PARANÁTINGA
PARECE
PAROCO
PARTE
PARTICIPAR
PARTICULARES
PASCOA
PASSAGEM
PASSO
PATRANHA
PAULISTAS
PÉ
PEDACINHOS
PEDIR
PEDRAS
PEDRO
PELOS
PEQUENO
PERMANESCESSEM
PERTENCENDO
PESCADOR
PESSOAS
PIRES
PIZAM
PODER
PODEROSISSIMA
POIS
POLVORA
PONDERAR
POREM
PORQUE
PORTO
POSSIBILIDADE
POSSUEM
POUCO
POVO
POVOAÇÃO

POVOADOS
PRAÇA
PRÁTICO
PRECISA
PRECISAMENTE
PREÇO
PREGADOR
PREGOS
PRESENTE
PRESÍDIOS
PRESENTIDOS
PRESTAR
PRETO
PREVENÇÃO
PREZENTE
PRIMEIRO
PRINCIPALMENTE
PROCURADAS
PROCURAR
PROFISSÃO
PROPONHO
PROPOSITO
PROVAS
PROVIDENCIA
PRUDENCIA
PÚBLICO
PUNHA
QUAES
QUARTZO
QUATRO
QUEM
QUILOMBO
QUINTOS
RAIOS
RAPAZ
RARA
RAZÃO
REAL
REBAIXARAM
RECOLHER
RECOMPENSA
REDONDO
REFIRO
REFORMADA
REGATO
REGER

RÉGIA
REI
REINADO
REINAM
REINOS
RELAÇÃO
REPORTO
REPRESENTA
RESÍDUO
RESISTE
RESPEITO
RESPONDO
RESTO
RETIRADO
REVERENDO
RIBEIRO
RIO
RIQUEZA
RODARAM
ROTEIRO
RUMO
SABER
SAHIA
SAL
SAO JOAO
SAO PAULO
SEBO
SECA
SEGREDO
SEGUE
SEGUIMENTO
SEGUINTE
SEGUIR
SEGUNDO
SEGURO
SEI
SEIS
SEJA
SEM
SEMELHANTE
SEMPRE
SENAO
SENDO
SENHOR
SENTIMENTO
SEPULTAR

SERMAÕ
SERRA
SERTANEJAR
SERTANEJOS
SERTANISTAS
SERTAÕ
SERVIÇO
SERVIRÁ
SETA
SEU
SI
SIDO
SIGNIFICA
SIM
SITIO
SITUA
SITUAÇÃO
SOBRE
SOBREMODO
SOCIEDADE
SOCORRO
SOL
SOLTAS
SORTE
SUA
SUBINDO
SUBSTITUIR
SUJA
SUJEITOS
SUPPOREM
SUSPEITA
SUSTENTAÇÃO
SUSTENTAVAM-SE
TALVEZ
TAMBEM
TANTO
TAPAJOZ
TAPERA
TEMA
TEMER
TEMERIDAO
TEMOS
TEMPESTADE
TEMPO
TENHO
TENTAR

TENTOS
TER
TERCEIRO
TERMO
TERRA
TERRENO
TESTEMUNHA
TIRO
TODO
TOMOS
TORNARAM
TOUCINHO
TRABALHO
TRABALHOSO
TRADIÇÃO
TRAIÇOEIRO
TRAJETO
TRANSFORMARAÕ
TRATEI
TRAZIA
TREM
TREZ
TRISTAÕ
TRISTAÕ DA CUNHA
TRISTIS
TRONCO
TROUXE
TUDO
UNICA
UNIDA
UTILIDADE
UZO
VADEIAM
VAGAROSA
VALENTES
VANTAGEM
VAQUEIROS
VARETAS
VASTA
VEADO
VELHO
VENDA
VENDEREM
VENDO
VENHA
VENTOS

VER
VERACIDADE
VERDADE
VERDADEIRA
VERDES
VEREDAS
VERIFICOU
VERMELHINHOS
VESTUARIO
VEZ
VIAGEM
VIAJANDO
VIAS
VIDA
VIEIRA

VIERAM
VIGARIO
VIGORA
VILLA BELLA
VILLA RICA
VINTE
VISINHAS
VISTA
VISTO
VIUVANDO
VIVERES
VIVEU
VOLTAR
VULGO
XINGÚ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
O LABOR FILOLÓGICO.....	19
CAPÍTULO II	
O CORPUS E SUA AUTORIA.....	27
2.1 Antecedentes Históricos.....	27
2.2 Conteúdo do Documento	31
2.3 O Autor	34
2.4 Os Códices	37
2.4.1 Testemunho A.....	39
2.4.2 Testemunho B.....	43
2.4.3 Testemunho C.....	44
CAPÍTULO III	
EDIÇÕES DA MEMÓRIA A RESPEITO DOS MARTYRIOS.....	46
3.1 A Escolha do Tipo de Edição	46
3.2 Normas de Transcrição Adotadas.....	50
3.2.1 As Abreviaturas	51
3.2.2 As Fronteiras de Palavras	51
3.2.3 A Pontuação.....	52
3.2.4 Os Diacríticos	52
3.2.5 O Emprego de Maiúsculas e Minúsculas	53
3.2.6 As Intervenções do Copista.....	53
3.2.7 A Numeração das Linhas	53
3.2.8 A Indicação de Lições Divergentes	54
3.2.9 As Intervenções do Editor.....	55
3.3 Textos da Edição Semidiplomática e Edição Fac-similar da Memória a respeito dos Martyrios.....	56
CAPÍTULO IV	
GLOSSÁRIO	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXO I – Aparato das Variantes.....	106
ANEXO II – Testemunho C.....	109
ANEXO III – Outros Documentos Relativos aos Martírios	122

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de apresentar a edição semidiplomática, a edição fac-similar¹, e um glossário do manuscrito do século XIX, que tem por título *Memória á respeito dos Martyrios pelo Padre José Manoel de Siqueira*.

A pesquisa foi realizada de acordo com os preceitos de investigação da filologia. A palavra filologia aqui deve ser entendida conforme a acepção definida por Ivo Castro (1992), citada por Megale & Cambraia, como a “ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor” (MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p.1) Na parte relativa ao trabalho filológico, de que trataremos no primeiro capítulo, o tema será discutido com maior profundidade.

A história deste trabalho começou há mais de três anos, mais precisamente numa manhã de novembro de 2001, quando em visita ao Museu Paulista, um órgão da Universidade de São Paulo, localizado no complexo do Museu do Ypiranga, que tem uma divisão de documentos manuscritos antigos. Ao indagar sobre a existência de documentos antigos, referentes ao Estado de Mato Grosso, no acervo daquela instituição, fomos informados de que ali não constava qualquer documento antigo relativo a Cuiabá ou a Mato Grosso, exceto dois cartões postais.

¹ Edição semidiplomática e edição fac-similar são formas de edição de textos. No capítulo 3 trataremos do tema com maior clareza.

Naquela época, já mantivéramos contato com a filologia, por ocasião de nossa participação em um curso de pós-graduação, e nutríamos certo interesse por esta ciência milenar, que tem por objeto de estudo os textos escritos que nossos antepassados nos legaram, textos esses que nos permitem compreender e explicar fenômenos lingüísticos e aspectos culturais de um povo. Insistimos então na procura e, para nossa surpresa, deparamo-nos ali com um texto, que cremos ser interessante para a história de Cuiabá, de Mato Grosso e do Brasil como um todo.

A origem da linguagem verbal é um tema que tem instigado o homem desde a antiguidade até nossos dias. Os sábios, ao longo dos séculos, têm investido tempo e recursos refletindo acerca do assunto, sem, entretanto, chegar a um acordo. Este empenho é justificado por causa do papel importante que a linguagem exerce em todas as manifestações da vida humana.

Como lingüistas, sabemos que o uso da linguagem verbal é característica exclusiva do ser humano, e a análise desse desempenho nos proporciona conhecê-la de forma mais profunda, visto que a linguagem é resultado de um processo de sucessão de universos semióticos inseparáveis e imprescindíveis uns aos outros, (DIAS, 1997, p.3). O estudo de textos de épocas anteriores, distantes ou não no tempo, ajuda em muito na compreensão dos fatos históricos das línguas ou dos homens, visto que a escolha lexical de um texto é amostra lexical da comunidade a que pertence, permitindo reconstituir a visão de mundo dos usuários.

No desenvolvimento das pesquisas que culminaram nesta dissertação, deparamo-nos com pessoas e instituições que se esforçam em cuidar e preservar os documentos antigos. O próprio manuscrito que elegemos para este trabalho comprova esta realidade. Mas, a par disso, constatamos, com pesar, que existem, também, muitas falhas na guarda de tais

documentos, e nos cuidados com eles. Acioli (1994) se deparou com situação idêntica em suas pesquisas.

É lamentável que muitos desses documentos tenham sido extraviados, muitos tenham sido destruídos por pessoas que tiveram ou têm em seu poder a responsabilidade de guardá-los. Alguns foram destruídos pela ação do tempo, ou mesmo pela falta de uma política séria de preservação e proteção deles ou, ainda, outros, comidos por papirófagos, ou cupins, danificados pela umidade e, até mesmo, pelas enchentes. Daí a importância da edição de textos antigos.

Nos últimos anos, graças ao empenho de vários pesquisadores, este quadro de descaso tem sido alterado e já se tem verificado certa preocupação com a preservação desses documentos, fato que tem desencadeado um maior interesse pelo assunto e busca nos arquivos que guardam esse material. Isto se deu face a uma grande valorização que a filologia tem alçado nos últimos tempos.

É necessário o estabelecimento de textos autênticos porque todo povo tem necessidade de preservar, contra estragos causados pelos motivos citados, assim como pela interpolação de emendas ou erros na transmissão dos textos, documentos que fazem parte da sua história. Tais documentos antigos são de grande importância para a história de um povo, pois, não somente o historiador se beneficia dele, mas também os lingüistas, filólogos, antropólogos, sociólogos e todos os interessados na preservação e na divulgação do patrimônio lingüístico, histórico e cultural.

Os textos antigos trazem contribuição para o entendimento da língua em períodos anteriores, são repositórios naturais da memória regional e nacional, além de serem úteis para pesquisas de outras áreas do conhecimento. A edição de textos antigos tem sido defendida por vários pesquisadores; dentre eles podemos citar Melo (1971, p.38) e Cambraia (1999, p.14).

Defende-se a edição de textos antigos, não só pelos motivos citados, mas também pela dificuldade de acesso a alguns deles, que, normalmente, se encontram confinados, em museus, arquivos ou bibliotecas públicas, longe do pesquisador, ou mesmo por não estarem disponíveis para manuseio. Dificilmente um pesquisador tem acesso direto a um manuscrito; a ele é imposto todo tipo de dificuldade, que, por vezes, torna a pesquisa inviável. Parafraseando o poeta português Fernando Pessoa, Cambraia afirma que *editar é preciso* (CAMBRAIA, 1999, p.14). Nessa perspectiva, editar um texto, *consiste em reproduzi-lo de maneira a torná-lo mais acessível*. (SPINA, 1977, p. 77)

Ainda que, nos últimos anos, tenham surgido bons estudos sobre a nossa língua, sabe-se que o português escrito no Brasil ainda tem muito a ser investigado, e um estudo sincrônico, de época remota, que permita analisar uma fase antiga da nossa língua, pode ser proveitoso para a descrição do português brasileiro (SANTIAGO ALMEIDA, 1999). O objetivo de se trabalhar com o documento anteriormente citado foi, além do interesse lingüístico, também uma tentativa de pô-lo novamente em circulação, devido ao seu valor histórico e literário. A pesquisa mostrou que o manuscrito estudado já foi muito prestigiado, como atesta a existência de cópias em vários arquivos públicos, mas, hoje se encontra esquecido.

O presente trabalho apresenta-se em consonância com a linha de pesquisa *Descrição lingüística*, do curso de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, pois objetivou resgatar um documento manuscrito de uma época anterior, possibilitando, caso alguém se interesse, fazer a descrição de um estado de língua daquele momento. É uma importante fonte primária que fornece dados para uma reconstrução histórica. Estamos certos, também, de que este trabalho poderá contribuir, como subsídio, para a lingüística histórica, poderá ser útil para o estudo diacrônico do português brasileiro, e,

ainda, ser de interesse para o estudo da história e da geografia da região. Justifica-se assim a presente edição.

O texto, objeto de nosso estudo, é do limiar do século XIX, provavelmente escrito entre o ano de 1779 e 1800 (FERREIRA, 1960; POVOAS, 1978). Atestamos até o momento a existência de cinco testemunhos, ou seja, cinco cópias, sendo três manuscritos e dois impressos. O manuscrito original, segundo nos consta até a conclusão deste trabalho, ainda não foi localizado.

Nossa pesquisa iniciou-se, conforme antes descrevemos em visita ao Museu Paulista, (daqui por diante, MP), local em que encontramos uma das cópias do manuscrito. Consideramo-lo um achado interessante; entendemos logo que estávamos diante de um tesouro histórico. A partir de então, procuramos, em vários lugares, outros possíveis testemunhos.

Pesquisamos principalmente em Goiás, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Mato Grosso, sempre em arquivos públicos, em institutos históricos e geográficos e em bibliotecas públicas, até encontrarmos outros dois testemunhos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN). Esta procura e reunião dos códices é uma etapa da crítica textual² chamada de *recensio*, ou seja, a reunião e classificação de todas as cópias existentes. Em seguida, conseguimos, junto às instituições, cópias em papel e imagens digital, e fizemos a edição fac-similada, realizada por fotógrafo profissional. Essa edição tornou-se útil para a leitura e transcrição dos testemunhos, que culminaram na edição semidiplomática e no glossário, que ora apresentamos.

² AZEVEDO FILHO (1987) e CAMBRAIA (2005) conceituam a crítica textual como a área do conhecimento que trata exclusivamente do estabelecimento crítico de um texto, ou seja, a restituição do texto à sua genuinidade.

Embora este trabalho se tenha desenvolvido usando métodos da crítica textual, a edição semidiplomática que apresentamos não pode ser considerada, especificamente, um texto crítico, porque não fizemos a *estemática*³, para estabelecer o suposto texto arquetipo, ou seja, o texto próximo do original perdido, nem mesmo a *emendatio*⁴, que possibilitaria a reprodução mais correta possível de tal original, na tentativa de alcançar, com a maior fidelidade possível, a última forma desejada pelo autor. Entretanto, tal decisão não nos impediu de adotar alguns procedimentos da crítica textual, inclusive a elaboração do aparato das variantes.

O aparato das variantes que apresentamos em anexo, não é um aparato crítico, mas sim, o resultado da colação (ou confronto) dos testemunhos que elaboramos, quando estávamos no processo de eleger aquele que seria o nosso texto-base. Buscamos identificar e descrever as divergências encontradas entre elas, principalmente nos níveis ortográfico, morfológico, sintático e lexical. Compreendemos que os dados reunidos nesse aparato, mesmo não sendo exaustivos, poderão ser de utilidade para futuras consultas de possíveis interessados em fazer estudos lingüísticos em tal documento, e, quem sabe, alguém resolva, num futuro próximo, fazer uma edição crítica desse texto.

Esta dissertação está dividida, essencialmente, em cinco partes principais, cada uma tratando, respectivamente, dos temas a seguir especificados.

No primeiro capítulo, ao tratar do trabalho filológico, apresentamos os principais conceitos da filologia, de acordo com cada autor; no segundo, apresentamos dados sobre o autor do documento, o padre José Manoel de Siqueira, suas obras e idéias; fazemos, também, uma descrição detalhada do *códice* que compõe o *corpus* da pesquisa; no terceiro,

³ É a segunda etapa da crítica textual. Essa operação possibilita revelar a ascendência ou determinar a relação genealógica entre os testemunhos de um texto. (CAMBRAIA, 2005, p. 136), (SPINA, 1977, p. 94)

⁴ Conjunto de operações, que visam à correção do texto. (SPINA, 1977, p. 94)

justificamos a opção pela realização de dois tipos de edição, fac-similar e semidiplomática, os critérios adotados na transcrição da segunda, e apresentamos as edições; no quarto capítulo, temos o glossário seletivo, em que selecionamos um grupo de vocábulos, considerados por nós como pouco comuns, para facilitar ainda mais o entendimento do texto e fazemos também algumas considerações à guisa de conclusão. Segue ainda três anexos, em que reunimos, além do aparato das variantes, outro códice da *Memória* e acrescentamos mais três manuscritos relacionados ao mesmo tema.

É importante destacar aqui, que a *Memoria* do padre está sempre acompanhada de uma coleção de outros sete documentos, todos relacionados com o assunto *martírios*. Tal realidade foi comprovada, tanto na BN, onde estão os dois códices, quanto no MP, onde está o outro. Este mesmo fato acontece na tradição impressa. Optamos, aqui, por apresentar três deles, para demonstrar como, apesar de estarem baseados na mesma narrativa, de Bartolomeu Bueno, são bem diferentes um do outro.

Os manuscritos que apresentamos são: *Noticias das minas dos Martírios, offerecidas por João Leme do Prado ao Excelentíssimo General Luiz de Albuquerque*, em que o autor traça um roteiro para se chegar às ditas minas, a partir de Cuiabá; o outro, *Roteiro para os Martírios indo por canoa pelo ribeirão de Goiaz*, é um ofício com data de 14 de novembro de 1774 (COSTA E SILVA, 2002, p.26). Trata-se de mais um roteiro para procurar o ouro dos Martírios; traz pouca informação, mas dá para notar as discrepâncias que há entre eles; o terceiro manuscrito que apresentamos é composto de apenas um fólio, contendo anotações de um pesquisador anônimo, que coletou informações sobre as minas de ouro dos Martírios e dá notícias de algumas expedições que foram enviadas a procurá-las no século XIX.

A amostra é pequena, porém constitui a prova da importância que era dada àquelas notícias e atesta como, já no século XVIII, os Martírios já pertenciam ao domínio da fantasia

e estava presente no imaginário popular. Tais documentos avulsos, inclusos no anexo, são do acervo do MP, porém a BN também tem cópias dos dois primeiros.

Passaremos, então, a discutir os conceitos aqui expostos, e apresentar os respectivos pesquisadores que contribuíram, de forma direta ou indireta, com suas obras ou idéias, para este trabalho.

CAPÍTULO I

O LABOR FILOLÓGICO

O objetivo deste capítulo é apresentar a acepção dos vários conceitos que utilizamos no trabalho, bem como as teorias em que nos apoiamos no seu desenvolvimento. Cremos ser oportuno esclarecer que trabalho filológico e labor filológico, aqui são sinônimos e que o seu objetivo é a reconstituição de um texto e o esclarecimento de aspectos relevantes a ele relacionados, o que corresponde ao exercício da filologia.

Os princípios científicos do trabalho filológico rigoroso foram estabelecidos com maior ênfase, a partir de Karl Lachmann (1793-1851), considerado o criador da nova crítica textual. Segundo (SPINA, 1977, p.66), ele desenvolveu seu método na elaboração das primeiras edições críticas da filologia clássica; depois, sua metodologia foi aplicada à filologia germânica e à filologia românica. Na época, suas proposições representaram um diferencial no enfoque dado até então no estabelecimento da autenticidade do texto. Antes de Lachmann, um texto era reproduzido com base em apenas um manuscrito, nem sempre o melhor, sem critérios definidos. (SPINA, 1977, p. 66)

Sendo este um trabalho de edição de textos, não tivemos outro caminho a não ser seguir a trilha dos eminentes filólogos brasileiros e portugueses, reconhecidos pelos trabalhos de caráter filológicos, que também seguiram Lachmann, Giorgio Pasquali, e outros. Dentre tantos autores, tomamos, por base, para definição das etapas desse trabalho, principalmente, o trabalho do eminente filólogo Segismundo Spina, *Introdução à Edótica* (1977), reconhecido

como guia de grande número de filólogos que o seguem em seus trabalhos. *Introdução à Edótica* foi usado como manual, pois apresenta as posições teóricas e metodológicas expostas por Karl Lachmann, numa seqüência natural de operações, que muito facilitou a utilização. Nesta mesma perspectiva, temos também, a contribuição de Leodegário Amarante de Azevedo Filho, com sua obra *Iniciação em Crítica Textual* (1987), em que dá um sumário preciso dos problemas teóricos com que se deve defrontar o iniciante na arte da crítica textual.

No fechamento da dissertação, fomos agraciados com o surgimento da moderna *Introdução à crítica textual*, de César Nardelli Cambraia (2005), que, de forma clara e didática, apresenta os vários conceitos utilizados naquele trabalho.

Da mesma forma, foi útil, para o desenvolvimento do nosso trabalho, especificamente para a consulta e estabelecimento das normas de transcrição, a obra de MAIA (1986), lingüista de Coimbra, que fez uma importante pesquisa, a culminar na monumental *Historia do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* - em que, seguindo a proposta de Ramon Lorenzo, analisou 186 documentos não-literários, escritos na Galiza e no noroeste português entre aqueles séculos. A autora fez a análise gráfico-fônica, fonológica e mórfica dos documentos.

Destacamos ainda as contribuições proporcionadas pela leitura do trabalho de Cambraia (2000), *Livro de Isaac Edição e Glossário*, em que o autor apresenta as edições semidiplomática e interpretativa de um manuscrito medieval, usando rigorosa norma de edição de textos, para uso em estudos lingüísticos. De forma semelhante, foram de grande auxílio, para a leitura dos manuscritos, os trabalhos de Acioli (1994), em especial *A Escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Uma obra difícil de ser superada no trato das questões da escrita da Língua Portuguesa do século XVI ao XIX. Para decifrarmos as abreviaturas, não muito comuns em nossos dias, Ochi Flexor (1979) emprestou

sua contribuição com a também insuperável obra *Abreviaturas de Manuscritos dos Séculos XVI ao XIX*.

O trabalho de edição de texto está circunscrito na linha da filologia, conforme citado anteriormente. Todavia cremos ser oportuno discutir um pouco mais o sentido de tal conceito em nosso trabalho, em vista de sua complexidade. No início da pesquisa, em visita a um Arquivo Público, ao conversarmos, com uma historiadora, sobre o trabalho que pretendíamos realizar, tentando conseguir alguma informação que nos ajudasse naquele momento inicial de muitas dificuldades, Compreendemos, ser necessário esclarecer melhor, o sentido em que estamos usando tal palavra.

A filologia, apesar de ser uma ciência muito antiga, tendo sua origem, marcadamente, antes de Platão e Aristóteles, não apresenta um único conceito. Os autores da área se divergem na definição e na determinação dos limites do seu campo de atuação e até em seu objeto de estudo. Diria até que é um termo não muito fácil de se conceituar, devido às várias definições que tem tomado ao longo dos séculos. Cambraia, em sua mais recente obra, desenvolveu ampla discussão sobre tal polissemia, que vale repetir-se aqui:

(...) a polissemia do termo *filologia* não é, portanto, fenômeno moderno, pois ao que parece, na Grécia antiga, período em que teria sido cunhado, já apresentava sentidos diversos (...) no domínio lusófono, o termo *filologia*, ainda no séc. XVIII, parecia continuar polissêmico, pois em Bluteau (1712 [2000], t. VI: 482) apresentam-se duas definições, uma mais ampla e outra mais restrita (...) contemporaneamente o termo *filologia*, como já se viu mais acima... continua a ser empregado de forma polissêmica, mas há uma tendência a se associar esse termo ao estudo do texto, reservando-se o termo *lingüística* para identificar o estudo científico da linguagem humana. (CAMBRAIA, 2005, p. 15-18)

De acordo com Spina, a “filologia não subsiste se não existe o texto, pois é o texto a sua razão de ser”. Se ela tem sobrevivido ao longo de tantos séculos, é devido à sua capacidade de trazer de volta o texto à sua existência; aliás, é o que estamos fazendo com o

retorno da *Memória*. Partindo de um determinado texto, o filólogo percorre vários outros caminhos e a ele retorna, sempre buscando a perfeição.

Dito dessa forma, o tipo de trabalho pode até parecer inútil, mas não o é; ele reveste-se de extrema singularidade, uma vez que a busca torna o labor filológico fascinante, porque é um processo, não um ato único; quanto mais se conhece o texto, mais se pode saber dele. É um trabalho fascinante.

Saussure, considerado por muitos como o pai da lingüística moderna, ao discorrer sobre o termo em 1916, deixou claro a confusão já existente naquela época entre a Filologia e a Gramática; ele entendeu ser necessário uma melhor definição do objeto da filologia.

“... A Língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões lingüísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura...” (SAUSSURE, 1977, p. 13)

Para efeito desta pesquisa, deve-se entender a filologia como a ciência que estuda os textos e tudo quanto for necessário para torná-los acessíveis. Não só os aspectos propriamente lingüísticos, mas todo o universo Cultural que uma determinada língua representa, (SAUSSURE, 1977, p.7). Equivale dizer, nas palavras de Cambraia, “é o estudo global de um texto, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto”. (CAMBRAIA, 2005, p.18)

No desenvolvimento do trabalho, em linhas gerais, valemo-nos também dos pressupostos e das normas da edótica, que é a ciência que compreende a operação da crítica textual e a organização material e formal do texto com vistas à publicação. Mesmo que o objeto de estudo da edótica seja o texto literário, de acordo com Spina, nada impede que as suas normas gerais sejam aplicáveis também à publicação de documentos históricos.

O desenvolvimento da lingüística no Brasil, a partir de meados do século XX, se realizou pela via das cátedras de filologia e língua portuguesa. Alguns professores dessas áreas conjugavam a docência com a prática de investigador dos fenômenos lingüísticos, notadamente os estudos dialetológicos. São expoentes daquele momento, dentre outros, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, que conjugaram, em seus trabalhos, tarefas da filologia e da lingüística, Altman (2004), Mattos e Silva (1992).

Com o passar dos anos e com a introdução obrigatória da lingüística nos currículos dos cursos de Letras, a partir de 1963, e a especialização cada vez maior de lingüistas, a filologia foi cedendo espaço cada vez maior para a nova disciplina, ao mesmo tempo em que direcionava suas investigações para o estudo histórico da língua, constituindo-se, praticamente, como lingüística histórica. Aliás, para Mattos e Silva, a lingüística histórica se colocou como mediadora entre a filologia e a lingüística. Vale citar suas palavras: “é de fato na lingüística histórica que filologia e lingüística se entrecruzam”. (MATTOS E SILVA, 1992, p.120).

É verdade que a filologia nunca deixou de existir nos cursos de Letras, e é verdade, também, que filólogos continuaram desenvolvendo suas pesquisas, porém, com uma ênfase menor do que em épocas anteriores e com um olhar voltado mais para a história da língua portuguesa.

Entretanto a partir de 1980, intensificou-se, novamente, no Brasil, o interesse pelos estudos lingüísticos histórico-filológicos e, mais especificamente, pelo estudo do Português do Brasil. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2003)

A volta a dados do passado para estudos lingüísticos, no âmbito da lingüística moderna, tem sido atribuída entre outros, a Fernando Tarallo. Em suas pesquisas, ele buscou definir até quando se poderia recuar na observação de textos escritos, para detectar a

emergência de uma gramática brasileira no uso escrito do português do Brasil. Tarallo retomou a tese oitocentista da existência de uma língua brasileira distinta da portuguesa, seguindo um viés pouco explorado em investigações diacrônicas, que, tradicionalmente, privilegiava o estudo da mudança nos níveis fonológico, lexical e morfológico. Ele centrou seus estudos na sintaxe, aproximou modelos teóricos, aparentemente inconciliáveis: a sociolinguística e a gramática gerativa. Os resultados dessa investigação estão na obra *Fotografias sociolinguísticas* (1989) organizada por ele, e na coletânea, organizada por Mary Kato e Ian Roberts, *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (1996).

Seguindo a tendência tradicional da história das reflexões linguísticas, desde a Antigüidade até nossos dias, que se tem alternado entre a comparação e a história em um século e a teoria e a descrição num outro, (SANTIAGO-ALMEIDA, 2003, p.34), o presente momento é de retorno para o enfoque dos estudos sobre a história da língua portuguesa.

Estamos, assim, diante de um período em que as reflexões estão voltadas novamente aos estudos linguísticos diacrônicos. Esses estudos, no Brasil, vêm-se centrando, de forma acentuada, na busca da história do português brasileiro. Nesse contexto, para nosso trabalho, teve grande importância a contribuição de Santiago-Almeida (2000), que pesquisou, recentemente, sobre os aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana, confirmando a hipótese da existência de traços de língua antiga preservados no Brasil, especificamente na baixada cuiabana.

Assim sendo, tomamos, como orientação para nosso trabalho, os parâmetros da transcrição semidiplomática por ele utilizado, que é um pouco mais conservadora do que a proposta por Spina, que propõe um melhoramento do texto, procedendo-se à divisão das palavras, o desdobramento das abreviaturas, e, às vezes, até acrescentando a pontuação. Santiago-Almeida propõe apenas o desdobramento das abreviaturas. Ainda assim, para o fim

deste estudo, se fez necessário proceder a algumas adaptações, Procedimento normal, mesmo porque, segundo (AZEVEDO FILHO, 1987, p.24) “em matéria de crítica textual não existe uma fórmula que se possa universalmente aplicar a todas as obras. Cada texto tem a sua problemática específica”.

Sem dúvida, os dias atuais representam um momento promissor para os estudos referentes à formação e à elaboração do português brasileiro nesses quinhentos anos de existência. Isto, porque, graças ao esforço de lideranças, como Ataliba de Castilho, Heitor Megale, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Vanderci Aguilera, dentre outros, de uns dez anos para cá, um grupo de pesquisadores se organizou para promover uma reconstrução e escrita do passado da língua majoritária e oficial do Brasil.

Em desenvolvimento está o projeto nacional e interinstitucional *Filologia Bandeirante*, liderado por Heitor Megale e composto por pesquisadores da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Federal de Mato Grosso e da Universidade Federal de Goiás. Também, em fase avançada nas pesquisas está o projeto *Para a História do Português Brasileiro*, que analisa aspectos do português de São Paulo, por Heitor Megale e Ataliba de Castilho; do português de Goiás, por Maria Sueli de Aguiar e outros pesquisadores goianos. O português da Baixada Cuiabana tem sido pesquisado por Manoel Mourivaldo, Rachel do Valle Detoni e Ulisdete; do português de Ouro Preto, por Jânia Ramos e Lorenzo Vitral; do português de Salvador, por Tânia Lobo, Rosa Virgínia e outros; do português de Florianópolis, por Gilvan Muller de Oliveira, dentre outros. Desse projeto já resultaram vários seminários nacionais, e vários livros foram publicados, proporcionando uma preciosa fonte de pesquisa para os próximos anos. (SANTIAGO-ALMEIDA, 2003)

Como desdobramento do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, desenvolveram-se vários projetos regionais. Merece destaque dentre outros, o *Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR*, projeto executado por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), criado em 1990, sob a coordenação de Rosa Virgínia Mattos e Silva, que tem como objeto de investigação a língua portuguesa, das origens ao século XVI. As pesquisas desenvolvidas pelo grupo resultaram em várias teses de doutorado e dissertações de mestrado, sobre aspectos da língua no período arcaico. No campo da geolingüística assim como no da sociolingüística, está em desenvolvimento o projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, associando pesquisadores de todo o Brasil. (MATTOS; SILVA, 1999).

No conjunto, essas atividades configuram a formulação de políticas científicas para o desenvolvimento, em particular, da lingüística histórica em nosso país, que culminou na confluência de interesses no projeto coletivo sobre a história do português brasileiro. Certamente, que a grande motivação para a volta aos estudos históricos no Brasil, decorre, sobretudo, como resultado do processo de conhecimento da realidade sincrônica do português brasileiro, a partir dos anos sessenta, o que nos tornou conscientes da sua complexa heterogeneidade, especialmente a social.

Assim sendo, tendo-nos situado teoricamente, passaremos, na seqüência, à próxima etapa do trabalho, que é a apresentação do *corpus* e sua autoria.

CAPÍTULO II

O *CORPUS* E SUA AUTORIA

2.1 Antecedentes Históricos

Com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, nossa terra emerge das sombras misteriosas do desconhecido para a colonização civilizadora do Velho Mundo, com suas enormes montanhas, seus grandes rios e suas enormes riquezas naturais, espalhadas pela vasta imensidão do seu território. A América foi, naquele momento histórico, o pólo que atraiu, como um grande acumulador magnético, a mente dos aventureiros de todas as classes sociais da velha Europa.

Homens de linhagem nobre assim como gente da ralé se emparelharam nos lances da conquista e exploração da nova terra descoberta, um grande e magnífico depósito de fabulosas riquezas, que todos ambicionavam possuir (COSTA, 2001). A História do Brasil é rica em informações documentadas sobre as aventuras dos chamados bandeirantes para a conquista do ouro. Movia-os o mesmo impulso e eram guiados pela mesma sede de ouro, abundante, proveniente das inesgotáveis minas desse precioso metal, que deslumbrava a metrópole e alimentava, sem intermitência, a contínua romaria de aventureiros que buscavam atingi-las.

Desde o ano 1515, já existiam rumores, ditos de origem indígena, que afiançavam existir nos sertões, na atual área das regiões Centro-Oeste e Norte, uma serra de ouro, ou seja,

uma montanha de ouro perdida no interior profundo do Brasil, coroada por uma crista rochosa de esmeraldas, das quais os silvícolas fabricavam seus adornos e utensílios (SUANNES, 1965, p.32). A essa serra ou localidade se lhe atribuíam variados nomes e/ou localizações, causando verdadeira confusão. Bertran cita vários deles, dos quais destacamos os seguintes:

- a) Sabarabuçu: era uma região em que o sol daquele lugar, cuja terra era habitada por indígenas, segundo a tradição, o sol, ao nascer ou ao se pôr, se refletia na montanha de ouro, produzindo um brilho intenso, que iluminava toda a região próxima.
- b) Eldorado, o reino incógnito, nos confins da floresta amazônica, em que o cacique habitava em casas com telhado de ouro puro.
- c) A Lagoa Dourada, também conhecida como Eupana, ou Paitity, ou Vupabuçu, nomes de origens espanholas, indígenas ou portuguesas para referir ao mesmo mito (BERTRAN, 1999). Contava a tradição que, naquela lagoa, o cacique ia banhar-se e, ao sair, estava com o corpo todo dourado.

Cronistas, poetas e romancistas descreveram esses tesouros, concretizando, em exagerada realidade, os sonhos de tão grande fantasia. Todos situavam as jazidas dessas prodigiosas riquezas no centro da América e para cá convergiam, no intuito de alcançá-las todo tipo de gente, desde mineiros, religiosos, governantes, naturalistas, enfim, uma turbulenta legião de aventureiros. Assim, a área que, mais tarde, constituiu a região de Mato Grosso e Cuiabá, incluindo os limites ocupados pelos portugueses, a zona em que a tradição assentava a existência de tão desejados tesouros, foi varrida, no afã de descobri-los por diversos exploradores.

Neste contexto surge um fato novo. Bandeirantes paulistas, em andanças pelo sertão, em busca de índios para apresamento, chegam a determinado lugar, no centro do sertão, em que encontram ouro em abundância, à flor da terra. Próximo dali, gravadas em pedras às

margens de um rio, deparam-se com figuras estranhas e inexplicáveis, que, pela religiosidade dos aventureiros, logo as relacionaram com os instrumentos que serviram para martirizar Cristo. Como aquele metal, na época, ainda não era conhecido no Brasil⁵, os bandeirantes não deram importância ao descoberto naquele momento, e só tempos depois, já em São Paulo, compreenderam que estiveram diante de fabulosa riqueza. Aquele local ficou conhecido como Martírios⁶. Estavam descobertas as legendárias minas de ouro dos Martírios.

Na década de setenta do século dezessete, a notícia espalhou-se. Em pouco tempo, essas minas viraram lenda, e a procura por elas tornou-se verdadeira obsessão por parte de grande número de personalidades, as mais variadas possíveis. Costa e Silva⁷ informa que um sem número de bandeirantes, saíram e adentraram os sertões, buscando as lendárias minas; inclusive vários cientistas estrangeiros, que chegaram a Mato Grosso, receberam a pecha de estarem procurando, dissimuladamente, as minas dos martírios. Castelnau, Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich e outros foram “acusados” pela população cuiabana de então. (COSTA E SILVA, 2002, p.10-11; COSTA, 2001, p.16-17)

Desde aquela época não se parou mais de procurar os Martírios. Capitães gerais, como os irmãos Luís e João Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, José Vieira Couto de Magalhães e Francisco de Paula Maggesi Tavares, para citar apenas os da Capitania de Mato Grosso, mas se sabe que capitães gerais de Goiás também patrocinaram expedições em busca das famosas minas; Clérigos, como o próprio padre José Manoel de Siqueira, que foi a procurá-las, em 1798, a partir de Goiás, e o

⁵ Esta afirmação é atribuída ao bandeirante Antonio Pires de Campos, que participou, quando ainda era menino, da primitiva expedição que descobriu os Martírios. Foi um dos primeiros a subir o rio Cuiabá e, em 1722, fixou residência na região de Chapada dos Guimarães, ao pé do morro de São Jerônimo. (FERREIRA, 1960, p.28-29)

⁶ Os Martírios inicialmente representavam um local no caminho para as minas de ouro. (FERREIRA, 1960, p. 91). Com o aparecimento da *Memória á respeito dos Martyrios*, do padre Siqueira, aquele local se constituiu como as próprias minas. (FERREIRA, 1960, p. 114).

⁷ *Op. Cit.*, p.10.

padre Francisco Lopes, em 1820, a partir de Cuiabá. (SIQUEIRA, s/d: 1.151); (BERTRAN, 1999); (LEVERGER, 2001); (FERREIRA, 1960).

Além desses, muitos outros empenharam tempo e recursos procurando os Martírios; naturalistas, capitalistas e historiadores, dentre outros, ao longo dos séculos, têm-se revezado na procura. Para isto, solicitaram e obtiveram vários roteiros, escritos por pessoas que tiveram alguma ligação com personagens presentes naquela histórica expedição paulista, notadamente Pires de Campos e Bartholomeu Bueno da Silva, (o Anhangüera), que, na época, eram meninos e viajavam em companhia de seus pais. (COSTA E SILVA, 2002), (BERTRAN, 1999)

A última expedição de que se tem notícia, que foi atrás das ditas minas, saiu de São Paulo em 1945, comandada pelo jornalista e historiador Manoel Rodrigues Ferreira (FERREIRA, 1960).

O manuscrito *Memória á respeito dos Martyrios pelo padre José Manoel de Siqueira* é mais um desses roteiros. Ferreira (1960), que passou quatorze anos estudando tal assunto, afirma que o autor entregou o documento, no início do século XIX, ao já citado governador de Mato Grosso, à época, Capitão General Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que administrou o estado de 1798 a 1801.

Memória, como se tornou conhecido esse manuscrito, apresentou dados novos em relação ao tema martírios. Pela primeira vez eram citados nomes de tribos indígenas, como Bororos e Coroás, índios pertencentes à Capitania de Mato Grosso. Citou também o nome de um novo rio, Paranatinga, também da toponímia mato-grossense. Até aquele momento, nos vários roteiros que circulavam pelo país, os Martírios figuravam como sendo um ponto, um

indicador do caminho para as minas de ouro, representado por figuras pintadas em lages de pedras, que poderiam estar localizadas em Mato Grosso ou em Goiás⁸.

Com o documento do padre Siqueira, Martírios passa a ser as próprias minas de ouro, sendo representado, não mais por figuras pintadas nas pedras no barranco do rio, mas as figuras eram as próprias pedras, como ele afirmou em suas palavras: “da parte de além rio estava uma colina na qual se viam algumas pedras soltas e elevadas; umas configurando columnas, outras escadas, e outras, coroas; do que se seguiu o dizerem que aquelle monte continha os instrumentos dos Martyrios de Christo”. Desta forma, Siqueira fazia um arranjo, em que sugeria que os Martírios estavam localizados na Capitania de Mato Grosso. Excluía, portanto, todas as possibilidades de estarem localizados em Goiás, como sugeriam os demais roteiros, o que poderia sugerir uma postura regionalista por parte do padre, que era natural de Mato Grosso. (FERREIRA, 1960, p.114)

Contextualizando, assim, o manuscrito, passaremos então a descrevê-lo de forma mais aprofundada.

2.2 Conteúdo do Documento

Creemos que o manuscrito objeto de nosso estudo seja um documento dos mais importantes, entre tantos que circularam ao longo dos séculos XVIII e XIX no Brasil, sobre o assunto dos martírios. Trata-se de uma dissertação, mas o autor a denomina de “Memória”. Consta de apenas um assunto: as famosas minas de ouro dos Martírios, em que Bartolomeu Bueno da Silva, o famoso Anhangüera, gastou parte de sua vida, procurando, sem nunca as

⁸ Segundo a tradição, o descobrimento dos Martírios é anterior à fundação dos Estados de Mato Grosso e de Goiás.

encontrar, até descobrir ouro na serra Dourada, local em que fundou o atual Estado de Goiás.

No texto, é possível identificar-mos as seguintes partes:

a) Introdução

O texto que estamos editando é bem mais completo do que os demais roteiros que circularam em sua época; como pode ser visto, pela descrição, o autor se preocupou, não apenas em apontar o caminho para as famosas minas, mas avança um pouco mais em relação a outros roteiros. Na introdução, o autor faz uma revisão do que se sabe sobre a tradição a respeito dos Martírios. Segundo ele, eram três os descobertos: Urucũmacuan, Jaime e Martírios, sendo que, para os dois primeiros, já tinham enviado expedições, na tentativa de procurá-los e explorar o ouro. Para o terceiro, não. Nas palavras do autor,

“... talvez a Providencia tenha destinado este descobrimento para a época presente, em que tanto se precisa de oiro e em que temos um governo que tanto se interessa pelo augmento da Real Fazenda e utilidade dos seus súditos...” (SIQUEIRA, L.30).

b) Os meios de localizar os Martírios

De acordo com Siqueira, para chegar até aos Martírios, o procedimento é o seguinte: segue-se a trilha das bandeiras, a partir de São Gonçalo Velho, atual bairro da capital mato-grossense. Sobe-se a serra da Chapada dos Guimarães, passando-se ao lado do atual morro de São Jerônimo. Continuando em rumo norte até ao rio Paranatinga, avança-se até chegar a um rio navegável, que é o atual Rio das Mortes, descendo o mesmo por alguns dias. Deixa-se este rio e, seguindo a pé, sempre no mesmo rumo, chega-se a outro rio “... *tão grande como o Cuiabá...*” onde acreditavam estar os Martírios.

c) Defesa da existência dos Martírios

Para defender a existência dos Martírios, o padre explica a origem de sua informação sobre o assunto: ele ouviu de seu pai, o capitão Antonio do Prado Siqueira, que era digno de confiança. Em nota de rodapé ele justifica:

“Sempre mereceu o nome de verdadeiro, quer em *São Paulo*, d’onde era natural, quer em Cuiabá, onde viveu cinquenta e tantos annos;- e hoje em dia, existem ainda sujeitos, quer em Villa Bella, quer nesta villa, que o conheceram.” (SIQUEIRA, s/d; l.38)

Outro argumento utilizado para justificar a existência daquele lugar é que Antonio do Prado ouviu de seu amigo íntimo, o Capitão Antonio Pires de Campos, que foi colega de Bartolomeu Bueno da Silva. Ao longo do texto, o autor fornece outras informações importantes, que afixam a existência dos Martírios. Exemplo: as grandes bandeiras que vieram a partir de São Paulo e Goiás, a disposição de Bartholomeu, que ficou tantos anos no sertão à procura dos Martírios, e a existência dos rios que fazem parte daquela tradição etc.

d) A organização da Expedição ou Bandeira que deveria procurar e explorar os Martírios

Para a organização da Bandeira, José Manoel propôs, em sua *Memória*, uma sociedade entre os interessados, ou seja, os que se beneficiariam, caso o projeto obtivesse sucesso. Os beneficiados seriam: a Real Fazenda, os homens mineiros que tinham escravos, os comerciantes, os lavradores, os criadores de gado vacum etc.

Além disso, ele orienta sobre as funções das pessoas na bandeira. Segundo ele, o comando geral estaria a cargo de um chefe, ou, como era chamado na época, cabo maior, e quatro auxiliares, ou cabos menores. Algumas pessoas deveriam ir assalariadas.

e) Os meios econômicos necessários para o empreendimento

Segundo a proposta do autor desse texto, a despesa da bandeira seria patrocinada pelas autoridades e, também pelos próprios participantes dela. Cada um ficaria responsável por contribuir com algum bem, de acordo com sua esfera de atividade. Quem tinha escravo, forneceria escravo, quem vendia alimentos, forneceria mantimentos para a bandeira e, assim, sucessivamente.

d) Orientações sobre como liderar a expedição

José Manoel, finalmente, explica o modo como o chefe da expedição, ou Cabo Maior, deveria tratar os companheiros, requisito básico para o sucesso da empreitada. Ele orientou que o cabo deveria agir com amabilidade e eqüidade, justiça, apoio e, acima de tudo, com respeito.

É, sem dúvida, um documento de grande valor histórico, pois traz importantes informações sobre lugares e fatos relevantes da região Centro-Oeste e do atual Estado de Mato Grosso e entorno da Baixada Cuiabana.

2.3 O Autor

O manuscrito original, como dissemos, é de autoria do sacerdote católico José Manoel de Siqueira, filho de Antonio do Prado Siqueira, um paulista que fixou residência em Mato Grosso, tendo habitado na região de Chapada dos Guimarães, próximo ao Morro de São Jerônimo. Sobre Antonio do Prado Siqueira, sabemos que veio para Mato Grosso na primeira metade do século XVIII, portanto, no começo da colonização da Capitania. Segundo conta a História, em Chapada, ele tornou-se vizinho do velho bandeirante Antonio Pires de Campos, que veio de Itú/SP, em 1722, e, também, foi morar ali, no local conhecido por Lagoa do Pires,

tendo narrado a Antonio do Prado Siqueira os fatos transcritos no roteiro. (FERREIRA, 1960, p.53; COSTA E SILVA, 2002, p.10-11; SIQUEIRA, s/d; L.117)

Sobre José Manoel não encontramos biografia alguma ou coletânea sobre sua vida; o que dele sabemos está disperso em fontes de notícias da época em que viveu, como nos *Apontamentos Cronológicos da Província de Mato Grosso*, compilados por Augusto Leverger (2001), cartas pessoais e ofícios por ele enviados para as autoridades da época, e algumas referências em obras raras, como em Ferreira (1960) e Póvoas (1978).

Parece que ele foi uma pessoa polêmica. Em sua *Memoria*, ele mesmo afirma: “Eu proponho já os meus sentimentos, que á muitos pareceraõ paradoxos, por que saõ meus” (SIQUEIRA: 1.228). É inexplicável como alguém, que foi tão importante para a historiografia regional e até mesmo nacional, não seja citado, atualmente, em obras que tratam da nossa História.

José Manoel de Siqueira nasceu em Cuiabá, em 1750, mas foi no Rio de Janeiro que concluiu seus estudos teológicos. Leverger, em seu *Apontamentos Cronológicos*, registrou o seguinte:

“(1782) ... Em dezembro chegaram a Cuiabá dois sacerdotes naturais da Capitania, os primeiros que se ordenaram, Francisco Xavier dos Guimarães Brito Costa e José Manoel de Siqueira, ambos de famílias pobres e ordenados no rio de Janeiro”. (LEVERGER, 2001, p.89)

Em 1790, ele foi a Portugal, estudar história natural (botânica) e filosofia racional e moral, tornando-se doutor na Real Academia de Ciências de Lisboa. Regressando ao Brasil, José Manoel se dedicou ao estudo da botânica, tornando-se um renomado cientista. Seus trabalhos tiveram muita relevância no mundo acadêmico de então, valendo-lhe o título de sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa, que, segundo José de Mesquita, citado por

Dom Aquino Corrêa, *constituiu o único matogrossense a desfrutar de tão alta honra, com o ser dos poucos brasileiros dela investido*. (CORRÊA, 1996)

Como naturalista, o padre Siqueira foi um desbravador das serras da Chapada dos Guimarães, estudando sua riquíssima flora, tirando dela importantes resultados, como a descoberta do uso da casca da quina para fins terapêuticos, especificamente usada no combate à malária. A esse respeito, no *Apontamentos*, na parte relativa ao ano de 1800, Leverger registra:

“Descobriu-se a árvore da quina na serra de São Jerônimo, e depois em outros lugares do distrito de Cuiabá. Esta descoberta foi feita pelo padre José Manoel de Siqueira, professor de filosofia, que também descobriu diversas plantas próprias para fazer papel”. (LEVERGER, 2001, p.108)

De acordo com o exposto nesta citação, ficamos informados de que o padre fora professor de filosofia em Cuiabá. Na verdade, ele foi o primeiro professor régio da Capitania de Mato Grosso, ou seja, foi nomeado pela própria rainha Dona Maria, no ano de 1798. (PÓVOAS, 1978, p. 87)

É patrono da cadeira n.º 4 da Academia Mato-grossense de Letras e, nas palavras do eminente Dom Aquino Corrêa, José Manoel de Siqueira *é o primeiro sábio matogrossense*⁹.

Segundo lemos no próprio manuscrito, o padre, quando morou em Goiás, ele mesmo foi à procura das minas de ouro em 1798, a mando do Sr. Tristão da Cunha, na época, governador daquela Capitania e obcecado pelos Martírios. Em suas pesquisas, segundo ele mesmo afirma em seu roteiro, nas imediações da Serra Dourada, descobriu a árvore do papel e alguns minérios de ferro. Encontrou também as antigas minas de ouro, que Bartolomeu Bueno da Silva e seus companheiros exploraram a partir de 1723, no tempo da fundação do atual Estado de Goiás. Fracassada sua excursão, que era para o descobrimento dos Martírios, José

⁹ Op. Cit. pp. 61-2.

Manoel retorna para Cuiabá em 1798, onde, pouco tempo depois, escreveu sua *Memória*, a pedido do então governador de Mato Grosso. O texto do padre Siqueira, segundo Manoel Rodrigues Ferreira (1960, p.112), foi escrito nos primeiros anos do século XIX. O autor deixou outros textos escritos relativos a seus trabalhos científicos.

2.4 Os Códices

Conforme se mencionou rapidamente na introdução, a primeira etapa da crítica textual foi chamada de *recensio* (*Recensere*) por Lachmann, citado por Spina (1977, p.88), e consiste no levantamento e na coleta de todos os códices existentes da obra a ser publicada, manuscrita ou impressa. O resultado desta etapa do trabalho, ou seja, a reunião de todas as cópias do documento, que também são conhecidos por testemunhos, constitui sua *tradição*, que pode ser *tradição direta* ou *tradição indireta*¹⁰. Esta tarefa, hoje em dia, mesmo com o uso das modernas tecnologias, ainda demanda um grande esforço e despesas para o pesquisador.

Pensando em deixar bem esclarecido para o leitor e em evitar possíveis confusões, apresentaremos, a seguir, de forma mais didática possível, a tradição manuscrita do texto que estamos trabalhando, de forma esquemática, como se pode ver na página seguinte.

¹⁰ Por *tradição direta* entende-se que é o conjunto de manuscritos ou edições impressas da obra. A *tradição indireta* refere-se àquelas fontes que não se constituem diretamente como registro literal de determinado texto. São exemplos de *tradição indireta*: as citações, os comentários, as paráfrases, as imitações etc.

	IDENTIFICAÇÃO DO MANUSCRITO
Título do texto	<i>Memoria á respeito do descobrimento dos Martyrios pelo Reverendo Padre José Manoel de Siqueira.</i>
Autor do texto	Padre José Manoel de Siqueira. (O mesmo que compõe o título).
Data	Entre 1798 e 1801 (Póvoas, 1978: 85; Ferreira, 1960: 114)
Tradição direta	Até a conclusão dessa pesquisa, a tradição direta estava composta de cinco testemunhos <i>apógrafos</i> ¹¹ , sendo três manuscritos e dois impressos. Para o objetivo dessa pesquisa, optou-se por em trabalhar apenas com os manuscritos.
Localização dos códices da tradição direta	Os testemunhos manuscritos encontram-se: dois na BN (Biblioteca Nacional) - códice 22, 1, 7 (testem. A) e códice 22,1,6. (testem. B) E 1 no MP (Museu Paulista)- códice 11573 Ms. (Testem. C).
Testemunho de colação ¹²	Códice 22,1,7. presente na BN.
Copista	Dr. João Severiano da Fonseca.
Data (da cópia)	1877 (1r;)

Pelo exposto, foram então localizadas três versões manuscritas da *Memoria* até o presente. Estando duas presentes nos códices 22, 1, 7 e 22, 1, 6 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), que, para efeito de identificação, denominamos, aqui, de testemunho A e testemunho B, e a outra está presente no códice 11573 Ms. do MP, que, conseqüentemente, adotamos como testemunho C.

As pesquisas realizadas apontaram ainda para um quarto testemunho manuscrito, que seria parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Coleção da Casa

¹¹ *Apógrafo* entenda-se aqui como cópia por pessoa diferente do autor, ou seja, não é original. Está em oposição a *autógrafo*, que é o texto de punho do próprio autor.

¹² *Testemunho de colação* é aquele eleito entre todos os da tradição direta, para se fazer a comparação entre os demais.

Barão de Melgaço, mas que, infelizmente, no momento está desaparecido, restando apenas a lembrança através do Catálogo e da pasta vazia onde estava guardado o manuscrito.

Quanto aos dois testemunhos impressos, localizados até o momento, um está contido na importante obra do general Couto de Magalhães (1902), *Viagem ao Araguaia*, e o outro é uma edição modernizada, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (2002). Manoel Rodrigues Ferreira (1960), em sua obra *O Mistério do ouro dos martírios*, utilizou da versão editada por Magalhães para reproduzir, segundo ele, “um extrato”; na verdade, ele deveria dizer extratos, porque reproduziu a parte inscrita entre as linhas 33 a 165, (testemunho A), que compreende um terço da memória, mas de forma muito fragmentada.

Resumindo esta parte, reafirmamos que o texto original, de autoria do sacerdote católico José Manoel de Siqueira, está desaparecido; porém se faz presente em, pelo menos, cinco testemunhos apógrafos, ou seja, testemunhos que foram escritos por punhos diferentes, sendo três manuscritos e dois impressos. Considerando os objetivos deste trabalho, optou-se por trabalhar apenas com os manuscritos, que, para efeito de identificação, denominamos TA, TB e TC. Dentre eles, utilizando procedimentos da Edóctica, selecionamos o testemunho A, (TA), da Biblioteca Nacional, como exemplar de colação, cujo copista ou escriba é o Dr. Severiano da Fonseca, irmão do Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da República. Vejamos então cada um deles através da descrição sumária dos códices a seguir.

2.4.1 Testemunho A

A eleição de um testemunho como exemplar de colação deve ser primeiramente baseado em sua qualidade; “escolhe-se o mais completo e em melhores condições”, (CAMBRAIA, 2005). Seguindo tal princípio, é que escolhemos o códice 22, 1,7/BN, para ser nosso texto-base, por ser mais completo, e por estar em melhores condições, isto é, o

testemunho tem boa qualidade, apresenta ser mais antigo e é o de leitura mais difícil (lat. *Lectio difficilior*).

Inicialmente, trabalhamos com a hipótese de ele ser o testemunho mais antigo pela sua aparência externa, mas isso não se comprovou pela pesquisa, porém ficou evidente que ela tem menos erros do que os outros dois. Estamos chamando aqui de erro, os indícios claros de alteração do texto original, que é determinado pela comparação e análise entre os testemunhos. A crítica das variantes mostrou ser este o testemunho mais coerente entre os demais.

Aliado a tudo isso, o que também pesou bastante em nossa decisão de escolha desse testemunho como exemplar de colação foi o fato de ele estar assinado pelo copista, o que facilitou e possibilitou a sua identificação. Já na página de rosto do códice, encontramos a frase “copiado pelo Doutor João Severiano da Fonseca, 1877”. Valorizamos isso porque entendemos que é, sem dúvida, um princípio importante para o estabelecimento do texto a credibilidade do copista. Já estando identificado, elimina, em muito, o exaustivo trabalho da pesquisa.

Comparando o TA com outros da mesma época, nota-se que o papel é pautado, de tamanho regular, medindo 280 x 210mm. Este manuscrito não apresenta partes corroídas, apenas algumas manchas, provocadas pelo tempo, e alguns furos feitos por insetos, está em bom estado de conservação. É composto por treze fólhos, com mancha escrita em letra pequena e de traçado rápido, com medidas variando em torno de 250x165mm, aproximadamente. Considerando que o manuscrito é posterior ao século XVII, apresenta grafia moderna, que pode ser classificada como do tipo caligráfico humanista. (VALENTE, 1983)

O Escriba ou Copista

O Dr. João Severiano da Fonseca foi um homem de grandes feitos ao nosso país; por isso, sua memória tem-se mantido viva através das homenagens que recebeu, durante sua vida ou após a morte. Médico, militar, político, escritor, historiador e diplomata, ele nasceu na antiga cidade de Alagoas, atual cidade de Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas.

O Dr. Severiano, como é conhecido, é patrono do Serviço de Saúde do Exército e seu nome identifica ruas no Rio de Janeiro e em Cuiabá, e cremos que em outras cidades. Além disso, empresta seu nome para a cidade Doutor Severiano, no Rio Grande do Norte. O copista foi um dos oito filhos homens do tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca e dona Rosa Maria Paulina da Fonseca, um deles, Manuel Deodoro da Fonseca, foi o proclamador da República e seu primeiro Presidente. (FONSECA, 1982)

Ainda, segundo Fonseca (1982), o Doutor Severiano diplomou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1860, onde também se doutorou em 1862. Ingressou no Corpo de Saúde do Exército, também em 1862, no posto de 2º tenente, como cirurgião, seguindo a carreira até ser promovido a general-de-brigada em 1890, tornando-se o primeiro médico general do Exército Brasileiro. Chegou ao mais alto cargo do Corpo de Saúde, com o título de inspetor-geral do Serviço de Saúde do Exército. Durante este período, participou dos serviços médicos na Campanha do Uruguai e na Campanha da Tríplice Aliança.

Ao longo de sua carreira, publicou vários livros sobre diversos assuntos e recebeu diversas condecorações. Chefiou a enfermaria da Escola Militar da Praia Vermelha e foi cirurgião-chefe do Hospital Militar da Corte. Passou a integrar a Academia Nacional de Medicina como membro efetivo, sendo o primeiro militar agraciado com essa honra e também

foi o único oficial do Corpo de Saúde condecorado com a Ordem do Cruzeiro. Em 1882 integrou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (PACHECO, 1935)

Pertenceu ainda a várias outras agremiações literárias e científicas, dentre as quais o Instituto da França, o Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, as sociedades de Geografia do Rio de Janeiro, de Lisboa, de Madri, o Instituto Arqueológico Alagoano, o Ateneu de Lima e o Instituto Médico Brasileiro, (PACHECO, 1935). Dr. Severiano teve um relacionamento muito especial com a província de Mato Grosso. Seu irmão Hermes Ernesto da Fonseca foi presidente e comandante de armas dessa província; além disso, Severiano casou-se com uma mato-grossense, chamada dona Anália Fonseca, da tradicional família cuiabana Alincourt, além de ser patrono da cadeira nº. 17 da Academia Mato-grossense de Letras. (MARCÍLIO, 1963).

Foi nomeado professor da cadeira de Ciências Físicas e Naturais do Imperial Colégio Militar em 1889 e tornou-se membro do Conselho Superior Militar de Justiça no ano seguinte e, em 1891, foi eleito senador constituinte. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1897. Foi escolhido Patrono do Serviço de Saúde do Exército em 1940. (FONSECA, 1982)

O TA é datado de próprio punho pelo escriba: na folha de rosto consta a data de 1877. Essa data é pertinente, pois se sabe que o Dr. Severiano da Fonseca ficou à disposição do Ministério dos Estrangeiros, fazendo parte da comissão de limites entre o Brasil e a Bolívia, atuando na área do atual Estado de Mato Grosso, na região limítrofe com a Bolívia. O próprio Severiano informa em sua importante obra *Viagem ao redor do Brasil* (1880), ter saído do Rio de Janeiro no dia primeiro de maio de 1875, tendo permanecido na região por cerca de três anos, o que lhe possibilitou coletar dados e informações sobre os Martírios, que, provavelmente, tenha despertado seu interesse, surgindo daí a idéia de fazer uma cópia da memória do padre Jose Manoel de Siqueira.

2.4.2 Testemunho B

O manuscrito aqui denominado TB também é parte do acervo da Biblioteca Nacional (BN) do Rio de Janeiro. É o códice 22, 1, 6, cuja pasta tem a inscrição “original”. Compõe-se este códice de 17 fólios, em papel com dimensões de 400 x 295 e com mancha de 360 x 250 em bom estado de conservação; sua escritura pouco difere da escrita atual. O texto é escrito com uma grafia moderna e bem feita, proporcionando uma leitura fácil e corrida. Valente (1983) classifica a escrita pós 1600 como escrita moderna, quando, segundo ele, a diversificação é fruto de estilos pessoais. Tal escrita pode ser reduzida a dois tipos: um caligráfico e outro cursivo. No caso do testemunho em estudo, usando a terminologia encontrada em Valente (1983), podemos classificar sua escrita como do tipo caligráfico. Até o presente momento não foi possível identificar o copista de TB, nem mesmo estabelecer a datação, pois o manuscrito não traz nenhuma informação a respeito.

A pesquisa demonstrou, pelo confronto entre os manuscritos, que este manuscrito (TB) não é original, como está escrito em sua pasta, no acervo da BN. Isso ficou evidenciado pela presença de erros separativos entre os testemunhos, que os tornam independentes uns dos outros. A análise do aparato das variantes mostrou claramente que os testemunhos utilizados para este estudo, são todas cópias, e independentes uns dos outros, como se pode ver nos exemplos abaixo.

a) TB- “na sociedade saõ *a guia* na campanha”

TA- “na sociedade, saõ *aguias* na campanha” (TA, L. 310)

TC- “na sociedade, são *aguias* na campanha”

Como vemos em a, o copista do TB, fez uma leitura errada naquele ponto lendo “a guia” em lugar de “águias”, que indicava pessoas experientes na viagem ao sertão. Outro exemplo,

b) TB “ ..e para o qual devem, *e para o qual devemos* todos concorrer...”

TA “..e para o qual devem todos concorrer...” (TA, L. 304)

TC “..e para o qual devem todos concorrer...”

Em b. nota-se um erro de adição por repetição de parte da frase e a alteração da forma verbal. Outro exemplo que indica que TB não é original

c) TB- “..Longe o *desespero*, longe descomposturas..”

TA- “..Longe o *desprezo*; longe a descompostura,..” (TA, L.369)

TC- “..Longe o *desprezo*, longe as descomposturas,..”

Em c encontra-se outro erro de leitura, em que o copista do TB, substituiu a palavra desprezo por desespero, provavelmente por assimilação dos grafemas que são parecidos.

Outros erros e variações são encontrados não apenas no TB, mas também nos outros testemunhos (TA e TC), o que pode facilmente ser conferido no aparato das variantes, e que aprofundam o desaparecimento até ao momento do original da *memória* de José Manoel.

2.4.3 Testemunho C

A terceira cópia da *memória*, aqui denominada TC, está presente no códice 11573, Ms. Arquivo 38 G2, da Coleção Dom José, do Museu Paulista, órgão complementar da Universidade de São Paulo, que está localizado no complexo do Ipiranga, na capital paulista.

O códice está bastante mutilado, apresenta várias partes corroídas e amassadas. É composto de seis fólios, em papel sem pauta, com a dimensão de 340 x 223 mm. Seus fólios apresentam muitas manchas, provavelmente por água e/ou contato com tintas corrosivas. Cada fólio apresenta, no centro, sinais de dobradura no sentido vertical, que dificulta a leitura.

A escrita é em letra miúda, de traçado rápido e regular. Tomando por base a classificação proposta por Valente (1983), podemos classificá-la como do tipo caligráfico, humanística lançada sobre uma mancha de 340 x 200 mm, em duas colunas.

A forma de como o TC passou a fazer parte do acervo do Museu Paulista demonstra o descaso de como os governantes e as autoridades tratam o patrimônio cultural em nosso país, aliás, tema amplamente discutido por Acioli em sua monumental obra *A Escrita no Brasil Colônia*. (ACIOLI, 1994, pp.2,14-5)

No início do século vinte (1916-1941), existiu em Cuiabá um Museu, de propriedade particular, cujo dono era o Doutor Euphrasio da Cunha Cavalcanti. O museu recebeu o nome de Museu Dom José, em homenagem ao primeiro bispo de Mato Grosso, Dom José Antônio dos Reis, que ministrou nesta terra por quase meio século. (ARMIGLIATTO, 1977) Durante sua existência, o Doutor Cunha, como era chamado, conseguiu reunir importante acervo, composto de coleções de documentos manuscritos, objetos da história local, objetos de arte antiga, coleções de moedas, de jornais locais, fósseis, minérios regionais, livros e até veículos dos séculos anteriores usados em Cuiabá.

Armigliatto (1977) afirma que, com a morte do proprietário, seus filhos venderam as coleções para quem teve interesse. Infelizmente em nosso Mato Grosso, ninguém se interessou, sendo, então, adquiridos pelo Museu de Pernambuco, pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo e, principalmente, pelo Museu Paulista.

CAPÍTULO III

EDIÇÕES DA MEMÓRIA A RESPEITO DOS MARTYRIOS

3.1 A Escolha do Tipo de Edição

A proposta deste trabalho, como citado anteriormente, é editar um texto manuscrito, com dois objetivos principais: primeiro, contribuir com subsídios para pesquisadores das várias áreas do conhecimento, especialmente lingüistas que tenham interesse em pesquisar a história da língua portuguesa, ou fazer outros estudos diacrônicos; em segundo, é uma forma de proporcionar um resgate da memória de um povo, tendo em vista que a linguagem é resultado de uma sucessão de universos semióticos. Através da edição de um manuscrito, é possível ter a visão de uma sociedade, bem como as características de uma época, mesmo porque a escolha lexical de um texto é amostra lexical da comunidade a que o autor pertence, permitindo reconstruir a visão de mundo dos usuários.

A natureza do texto e a finalidade do labor filológico determinaram o tipo de edição adotado. Sendo nosso propósito o de estabelecer um *corpus* para pesquisas lingüísticas e históricas, fez-se necessária a elaboração de dois tipos de edições: a edição semidiplomática e a fac-similar, que apresentam inúmeras vantagens em relação às demais para esse objetivo e são complementares.

São inúmeros os tipos de edições de texto. As edições são classificadas de várias formas, de acordo com uma série de fatores, que variam desde suporte material, formato ou tamanho do suporte, forma de registro, tipo de publicação. Se for a primeira edição, é chamada de *princps*. Encontramos também a edição comemorativa, que, como o próprio nome já anuncia, é aquela que comemora alguma data especial ou evento, e temos ainda a completa e a parcial etc. Cambraia, em seu recente livro, *Introdução à crítica textual* (2005), listou cerca de 23 tipos diferentes de edições.

Outros autores de obras que tratam da Crítica textual, dentre eles Spina (1977) e Azevedo Filho (1987), também listaram uma série de tipos de edições, sendo que, do ponto de vista filológico, as mais utilizadas são a mecânica ou fac-similar, a diplomática, a diplomática-interpretativa, também chamada de semidiplomática, e a crítica. Para Spina (1977), a edição fac-similar, também chamada de reprodução mecânica, é a que se faz por procedimentos mecânicos, que pode ser a fotografia, a fototipia, a xerografia e, mais modernamente, a escaneada (através de scanner). É certamente uma edição ideal do ponto de vista da autenticidade. É a mais conservadora dentre as demais, porque é uma reprodução fiel do documento, não sofre nenhuma interferência do editor, que apenas prepara o códice a ser editado.

Com o progresso das técnicas fotográficas, aliadas ao desenvolvimento da informática, em nossos dias, é possível obterem-se reproduções nítidas dos documentos, que podem ser manuscritos ou impressos. Portanto, a edição fac-similar é um bom instrumento de trabalho nas mãos de especialistas, porque, de posse de tal edição, é possível proceder em partes, à uma análise paleográfica¹³ do texto. Em partes, porque essa edição não substitui completamente o original, o que seria ideal no processo de leitura de documentos

¹³ A análise paleográfica refere-se à análise do documento com vistas a estabelecer a data, a origem e sua autenticidade, com base nos seus aspectos gráficos (ACIOLI, 1994).

manuscritos. Às vezes, torna-se necessário recorrer mesmo ao manuscrito original, ou cópia, com o auxílio de lentes ou de lâmpadas especiais, ou até utilizando a ajuda de raios infravermelhos ou ultravioletas, para revelação de traços ilegíveis a olho nu e não reproduzíveis numa fotografia, por melhor que ela seja.

Ainda que a reprodução pelos meios mecânicos possa ser das mais fiéis possíveis, dependendo da finalidade, ela pode não atender às necessidades dos pesquisadores. Ela não proporciona uma interpretação paleográfica completa, pois não mostra, em sua essência, o material usado, as manchas e marcas que possam existir no documento, pormenores importantes para um estudo completo. Além do mais, a leitura de determinados textos manuscritos, por vezes apresenta muita dificuldade, exigindo leitores com um alto grau de especialização. A edição fac-similar ou mecânica poderia, portanto, ser utilizada, com sucesso, apenas por um pequeno número de especialistas. Essa é a razão por que optamos neste trabalho por dois tipos de edições.

A edição semidiplomática apresenta, de certa forma, uma interpretação do original, pois elimina as dificuldades de natureza paleográfica constantes do manuscrito. Ela consiste numa reprodução tipográfica em sua forma digitada ou digitalizada do texto, que, mesmo respeitando as características originais, apresenta alguns melhoramentos em relação ao original; normalmente, faz-se a divisão das palavras, o desdobramento das abreviaturas (apresentando as letras adicionadas entre parênteses ou em destaque) e, às vezes, até com a adição de pontuação. Cambraia defende esse tipo de edição para estudos lingüísticos. Em suas próprias palavras,

“Quando se tem em mente como principal público-alvo (mas não o único) lingüistas, o tipo mais adequado parece ser a edição semidiplomática, pois esse tipo de edição, em uma versão um pouco mais conservadora do que como definida por Spina (1994) tem como vantagem respeitar ao máximo as características do original, fazendo-se, no entanto, pequenas intervenções (sempre assinaladas!) com o objetivo de viabilizar a leitura ao seu público.” (CAMBRAIA, 1999)

A edição semidiplomática, proposta por Spina¹⁴, apresentava uma tentativa de melhoria do texto, pois, além do desdobramento das abreviaturas, ele defendia também o estabelecimento de fronteiras das palavras e a colocação de pontuação. Cambraia defende uma edição que mantenha o máximo possível das características do texto original, respeitando todas as particularidades grafemáticas existentes no manuscrito, incluindo as variantes posicionais, a forma e posição dos diacríticos, a transcrição fiel dos grafemas, separação inter- e intra-vocabular, manutenção dos sinais de pontuação e a preservação do uso das maiúsculas e minúsculas conforme o original etc.

Este tipo de reprodução contempla um número maior de leitores do texto do que a edição fac-similar, sem, no entanto, comprometer a fidedignidade do texto. Enquanto a edição mecânica parece ser voltada principalmente para filólogos e paleógrafos, que são especialistas capazes de lidar com as dificuldades da leitura e o desenvolvimento das abreviaturas, a edição semidiplomática é de fácil acesso a lingüistas, historiadores e outros interessados não acostumados a lidar com questões paleográficas e codicológicas.

Dessa forma, também defendemos aqui a necessidade de edições semidiplomáticas para fins de estudos lingüísticos, porque são edições rigorosas e fidedignas, que oferecem o máximo possível de informações sobre o texto, reproduzem, fielmente, na medida do possível, as características originais, efetuando apenas aquelas intervenções que se fizerem necessárias para o entendimento do texto.

Assim sendo, optamos neste trabalho pelas edições semidiplomática e fac-similar, conforme as normas a seguir.

¹⁴ (SPINA, 1977: 79).

3.2 Normas de Transcrição Adotadas

A edição de textos de épocas anteriores, como temos visto, exige atenção especial, principalmente quando se destina a estudos de caráter lingüístico-filológico. Para isso, é necessário um refinado tratamento de certos aspectos desses textos, que, para estudos de outra natureza, poderiam estar em segundo plano. Somente uma transcrição extremamente fidedigna e cuidadosa pode deixar transparentes todos os traços lingüísticos, possíveis de serem analisados nos originais manuscritos. Dessa forma, tanto o êxito do trabalho quanto a solidez dos resultados certamente estão condicionados à qualidade da edição dos textos que estão na base desse estudo lingüístico. Em verdade, a natureza dos textos e, sobretudo, a finalidade da edição, também, de certa forma, determinam os métodos e as normas de transcrição.

É necessário salientar que, em linhas gerais, constituíram um excelente ponto de partida na elaboração das normas adotadas para este trabalho as regras de transcrição indicadas em manuais de paleografia ou propostas por autores que desenvolveram trabalhos de mesma natureza. Entre os tratados de paleografia consultados, destacamos o de Mendes (1953), o de Valente (1983) e o de Acioli (1994). Foram também de grande utilidade as normas propostas e/ou utilizadas por Santiago-Almeida, e Cambraia.¹⁵ Vale também lembrar aqui que nos servimos ainda, das normas eleitas para o projeto "Para a História do Português Brasileiro", apresentadas e discutidas durante o segundo seminário, realizado em Campos do Jordão, São Paulo, em 1998.

Enfim, decidimos, então, pela edição chamada semidiplomática justalinear, numa versão tida como conservadora, acompanhada da edição fac-similar, que ajunto lado a lado para possível comparação, implicando nos seguintes critérios:

¹⁵ CAMBRAIA, op. cit. pp. 16-23.

3.2.1 As Abreviaturas

As abreviaturas são recursos utilizados à muito tempo no desenvolvimento da escrita, principalmente em sua forma manuscrita, que resultava em boa economia de materiais e tempo do escriba. O texto em estudo é rico em abreviaturas alfabéticas, contando com mais de cinquenta, entre as abreviaturas por suspensão, contração, e sobrepostas.

As abreviaturas alfabéticas foram desenvolvidas, marcando-se com itálico as letras omitidas nelas como em; Rv.^{do} > *Reverendo*, M.^r > *Mui reverendo padre*, etc. Procuramos obedecer aos seguintes subcritérios:

a) respeito à grafia do manuscrito; ainda que manifestando idiossincrasias ortográficas do escriba, foram mantidas.

b) no caso de variação no próprio manuscrito, a opção foi pela forma mais freqüente no manuscrito.

3.2.2 As Fronteiras de Palavras

São poucas as formas de palavras que aparecem ligadas no manuscrito. Entretanto, as fronteiras de palavras foram mantidas, exceto nos casos em que, sistematicamente, o escriba ou copista não as manteve, como a ausência da fronteira vocabular, notada em muitos manuscritos antigos entre preposições, conjunções, pronomes e o substantivo ou verbo constituinte do sintagma. Exemplo: comtudo (l. 7) comeffeito (l. 105); duque (l. 211).

Paralelamente, mantivemos a grafia dos manuscritos quando, ao contrário, uma palavra é, também, de maneira sistemática, grafada separadamente pelo escrevente. Isto pode

ocorrer com os elementos constitutivos de determinadas palavras. Também não introduzimos hífen simples (-) ou duplo (=), apóstrofo ou qualquer sinal gráfico onde não havia; ou seja, procuramos manter todas as formas adotadas pelo copista.

3.2.3 A Pontuação

A pontuação original foi rigorosamente mantida. Conservamos todos os tipos de pontuação presentes no documento: o ponto, a vírgula, dois pontos, o ponto-e- vírgula, a barra inclinada sobre o ponto e o traço horizontal.

3.2.4 Os Diacríticos

Mantivemos na transcrição toda a acentuação original, ou seja, a presença ou ausência de diacríticos: a plica (traço oblíquo virado para a direita, transcrito como <´> (fig.1); a corônis (traço oblíquo virado para a esquerda, transcrito como <`>, (fig.2); o traço reto horizontal e suas duas variantes; o traço ondulado horizontal e um outro, que, começando reto, forma uma curva ascendente à esquerda. Os três últimos aparecem, geralmente, sobre a última vogal contígua. Foram transcritos como <~> já que marcam a nasalidade.

(fig.1) <1.55> *Cuym-avá,*

(fig.2) <1.71> *a` esquerda.*

mad^o *burgachã^o* *deverã^o*
 (fig.3) <1.144> <1.98> <1.314>

3.2.5 O Emprego de Maiúsculas e Minúsculas

O emprego de maiúsculas e minúsculas também foi rigorosamente respeitado como se apresenta no original. Alguma variação física dos sinais gráficos, provenientes de fatores cursivos, não foi considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra propiciou a melhor solução.

3.2.6 As Intervenções do Copista

As inserções feitas pelo copista ou escriba foram, normalmente, na margem inferior, às vezes, em nota de pé de página. Transcrevemo-las entre parênteses angulados duplos, no ponto assinalado pelo próprio copista no original.

3.2.7 A Numeração das Linhas

A fim de facilitar a localização de palavras e passagens, fizemos a numeração contínua linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do terceiro fólio, à margem direita da mancha ou à esquerda do editor. Consideramos ser desnecessário numerar as linhas dos dois primeiros fólios, porque estão funcionando apenas como folha de rosto, compostos de cinco linhas cada, portanto, não representando nenhuma dificuldade em se localizar qualquer palavra. Tendo em vista que as linhas foram numeradas continuamente, desnecessário se fez também a numeração dos fólios.

3.2.8 A Indicação de Lições Divergentes

Conforme dissemos na segunda parte desta dissertação, até o presente momento, são cinco os testemunhos localizadas da *Memória á respeito do descobrimento dos Martyrios*, sendo três manuscritos e dois impressos. Transcrevemos três edições semidiplomáticas, sendo uma de cada testemunho, para procedermos à colação e elaboração do aparato das variantes. Para o objetivo proposto nesta dissertação, apresentamos apenas uma das edições, a que representa o testemunho A (códice 22.1.7/ BN) Quando há divergência entre a lição adotada aqui e as outras lições dos manuscritos, registramos em separado, e chamamos de aparato das variantes que apresentamos em anexo, identificando cada códice.

O aparato das variantes é então o resultado da colação, ou seja, é o levantamento, ou a verificação das versões diferentes de uma palavra ou pequeno grupo de palavras encontradas entre os testemunhos.

Compreendendo que o texto estudado, é de grande valor histórico, percebido pela existência de cópias em renomadas instituições histórico-culturais, bem como pelas citações encontradas em obras antigas, decidimos organizar o aparato das variantes, para mostrar as diferenças existentes entre elas. Para a elaboração do aparato das variantes, fizemos uma minuciosa comparação entre os três manuscritos da tradição direta observando cada linha cada frase, cada palavra e registrando as variações do ponto de vista morfológico, lexical, sintático, e gráfico.

Para a apresentação das variantes seguimos a identificação dos testemunhos conforme nomeados anteriormente de testemunho A, testemunho B, e testemunho C. O testemunho A, texto usado como base, além da numeração das linhas, recebeu também números de notas de fim do documento, colocada ao lado direito da mancha, e/ou em cada parte que apresentou

lição diferente das outras duas. Elaboramos assim uma lista com as várias diferenças entre palavras, frases, ou sentenças, conforme exemplo abaixo, na nota n.º 44 do aparato das variantes. Na edição semidiplomática do TA, tem-se:

“..*dado o mesmo Anhanguera, em recompensa de ter elle Almeida apatrocinado uma canõa⁴⁴ sua na...*” (1.139)

No anexo I, aparato das variantes, na nota 44 tem-se:

44) *B: uma causa sua | C: uma causa sua*

em que B, representa o testemunho B, (códice 22.1.6 BN), “uma causa sua” é a forma encontrada naquele códice, no local assinalado pela nota de fim do documento de numero 44. A barra vertical é para separar um testemunho do outro, e o C, representa o testemunho C (códice 11573/MP) que tem lição semelhante a de B.

O desenvolvimento desta parte do trabalho tornou-se muito interessante, ao depararmos com lições às vezes bem diferentes da idéia do autor do texto, alterando bastante o sentido por ele atribuído, como no exemplo citado em que *uma causa* torna-se *uma canõa*, provavelmente um erro de leitura do Dr. Severiano.

3.2.9 As intervenções do editor

As intervenções do editor foram raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, para elucidar alguma parte obscura a ponto de não deixarem margem a dúvida. Quando ocorreu foi apresentada entre colchetes duplos. Ex: [[não consta em outros testemunhos]].

3.3 Textos da Edição Semidiplomática e Edição Fac-similar da *Memória a respeito dos Martyrios*

Nesta parte do trabalho apresentamos os textos, conforme as duas edições propostas; a edição semidiplomática, foi disposta à direita, e a fac-similar, à esquerda para melhor comparação.

CAPÍTULO IV

GLOSSÁRIO

Esta parte do trabalho tem o propósito de apresentar um glossário dos termos utilizados pelo autor, na intenção de que um leitor menos experiente em leituras de textos de épocas anteriores, possa compreendê-lo perfeitamente, e além disso este glossário constitui uma amostra do léxico utilizado por a sociedade daquele momento.

Sendo que o léxico é parte do universo semiótico de um povo em determinada época, ele apresenta dupla importância: atesta a existência de outros universos, o natural, o antropocultural, o semiológico, o semiótico, para citar apenas estes, e ao mesmo tempo permite-nos apresentar a estruturação do código lingüístico, daquela sociedade. (DIAS, 1977)

Por léxico entendemos de forma geral, e seguindo o pensamento lingüístico de Dubois e outros (1977) como o *conjunto de unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc*; unidades que se atualizam na situação de uso quer seja no discurso oral ou escrito, e passam a constituir o vocabulário, cujas unidades são os vocábulos e as palavras. Assim sendo, o vocabulário de um texto pode perfeitamente ser considerado como amostra do léxico da comunidade lingüística a que pertence.

Considerando o texto em estudo como manuscrito moderno, portanto apresentando pouca diferença em comparação a textos da atualidade, consideramos desnecessário a elaboração de um glossário exaustivo, como é prática comum em trabalhos dessa natureza, decidimos então por um glossário seletivo, para facilitar a compreensão do mesmo.

Assim sendo, procuramos listar todas as lexias, exceto as palavras gramaticais, por serem invariáveis, demonstrar a frequência com que cada um dos termos foi utilizado, indicar sua localização, e dar a acepção com que foram utilizadas, quando consideradas menos comuns ou em desuso. Como critério para escolha de quais lexias seriam consideradas menos comuns ou em desuso, partimos de uma hipótese, que poderia posteriormente ser comprovada ou não, pela presença, ou ausência de tal palavra em parte do corpus do projeto Nurc disponível na rede mundial de computadores.

O banco de dados do Nurc utilizado é composto de 8 inquéritos, com cerca 285 minutos de gravação, sendo 4 informantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino, com idades que variam entre 29 e 62 anos, todos nascidos e criados no Rio de Janeiro, com curso superior completo. Todas as palavras escolhidas hipoteticamente como menos comuns ou em desuso, tiveram tal condição confirmada pela suas ausências no corpus utilizado do projeto Nurc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção desse trabalho foi marcado por sentimentos diversos. Ora pela incerteza e insegurança, e outras vezes, pela satisfação, quando eram vencidas algumas etapas, às quais iam dando formas ao trabalho. A esperança estava sempre presente, apesar das grandes batalhas, enfrentadas no período. Ela nunca acabou, mesmo naqueles momentos em que não vislumbrava nenhuma saída, quando os prazos para cumprimento das atividades do curso estavam vencendo, e eu estava com dificuldades de realizá-las.

Naquela fase do curso foi muito importante a compreensão e solidariedade do orientador, e hoje amigo, o professor Doutor Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, que muito me ajudou, e incentivou a continuar no desenvolvimento dessa pesquisa. Mesmo tendo feito vários compromissos que não me permitiam parar pelo caminho, chegar ao final dessa dissertação seria para mim uma grande, grande vitória.

O trabalho surgiu a partir da necessidade de se estabelecer *corpus* para estudos lingüísticos, especificamente para projetos de pesquisa sobre a história do português brasileiro, e também pelo entendimento da necessidade de editar um texto de valor histórico para nossa região, e porque não dizer do Brasil. É evidente que a maioria dos brasileiros já ouviram ou leram algo sobre os *Martírios*, sobre Bartolomeu Bueno, ou Antonio Pires de Campos, mas já faz tanto tempo que quase não se lembram mais. O documento objeto desse estudo trás contribuições neste sentido, pois narra eventos e esclarece fatos da época dos bandeirantes que até hoje não se tinha informação.

É o caso, por exemplo, da origem do nome do Morro de São Jerônimo, um dos lugares mais visitados na Chapada dos Guimarães, que conforme o manuscrito, foi lhe atribuído tal nome por motivo de aquele Santo ter salvado a vida dos bandeirantes quando foram acometidos por uma grande tempestade, como narra José Manoel: “...subiram a serra da Canastra e nella foram acõmettidos de uma grande tempestade de aguas, ventos e raios: abrigaram-se ao penedo da Canastra, e acolhidos nas suas cavidades, por occasiaõ dos fuzis bradavam por Saõ Geronimo; ficando denominado até o presente Serra e penedo de Saõ Geronimo”. (SIQUEIRA, s/d: 64).

O documento trata também de temas profundos como a polêmica atuação dos jesuítas, que segundo José Manoel conservavam em segredo grandes minas no interior do país, o que era comprovado pelas águas sujas (enlodadas) dos rios, além do armazém existente nas margens do Tapajós fornecido de víveres todos os meses, sem que os entregadores encontrassem com os recebedores, (Siqueira, s/d: 181). Esse trabalho representa também uma tentativa de resgate e preservação da memória tanto regional como nacional.

Esta pesquisa também possibilitou conhecer um pouco da conjuntura da época em Cuiabá e no Brasil, seus habitantes, sua religiosidade, fé, costumes, seus interesses políticos, sociais e principalmente econômicos. Foi possível desvendar emoções, mergulhar no interior do homem colonizador, descobrir os motivos “por trás” das ações etc.

A pesquisa realizada de acordo com os preceitos da investigação filológica, abrangeu de maneira geral as três funções da filologia: a *função substantiva*, que foi quando nos concentramos no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo para edição; a *função adjetiva*, diz respeito ao levantamento de aspectos relacionados ao texto, mas que não estão presentes nele, como a história do texto, sua localização, a biografia do autor e do escriba, ou copista, sua avaliação, entre outros. E por ultimo a *função transcendente*, que

foi o momento em que pareceu termos esquecido do texto, para irmos em busca da história cultural da sociedade daquela época. (SPINA, 1977, p.77)

Segundo Boeckh, citado por Bueno (1967), apenas a Filologia consegue explicar o conhecimento científico de toda a atividade, e da vida de um determinado povo, em um dado período da sua existência. Isto porque mesmo sendo o texto escrito o objeto principal do labor filológico, para o desenvolvimento completo da sua atividade, o filólogo utiliza de todo um arsenal de erudição: linguagem, estilo, métrica, ortografia, mitologia, referências históricas, exames dos tipos de papel, das tintas e todo o universo cultural da época em que o texto foi escrito. É, portanto o conhecimento do que foi conhecido por um dado povo.

Todas essas atividades, entretanto, visam unicamente a um fim; o conhecimento do estado de civilização de um povo, em determinada época da sua história, através dos documentos escritos, literários ou não, que nos foram conservados.

Todo o nosso trabalho aqui, não foi senão uma pequena parte das vastas atribuições da filologia, na verdade o embrião do labor filológico, mas útil pelo prazer e conhecimento que nos proporcionou, e pelas “descobertas encobertas”, utilizando aqui as palavras de José Manoel de Siqueira, que resgatamos ao longo do percurso, aliado ao entusiasmo com que fizemos esta pausa necessária para cumprimento dos prazos de conclusão do curso, e a disposição em prosseguir sempre na investigação científica, em busca de novas descobertas. Mesmo que seja um conhecimento do que já foi conhecido por pessoas que viveram em outras épocas.

Creemos assim ter cumprido o objetivo proposto inicialmente, que foi estabelecer *corpus* rigorosamente estabelecido para desenvolvimento de futuros estudos lingüísticos, através da edição semidiplomática do texto manuscrito da *Memoria* de José Manoel.

Disponibilizamos também a edição fac-similar, que poderá contribuir para que outros pesquisadores desenvolvam estudos da mesma natureza, e apresentamos ainda o glossário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFPE - Ed.Universitária/ Fundação Joaquim Nabuco - Ed. Massangana, 1994.

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2004.

ARMIGLIATTO, Denise M. M.; SOBRINHO, Francisco Paes de Barros. *Museus em Cuiabá*. Cuiabá: Séc. de Cultura de Cuiabá, 1997.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central*. Verano; (Goiânia Brasília), 1999.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos lingüísticos. In. *I Seminário de filologia e língua portuguesa*. (orgs.). Ângela Cecília de Souza Rodrigues, Ieda Maria Alves, Norma Seltzer Goldstein – São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1999. pp. 13 a 23.

_____. *Livro de Isaac: edição e glossário (cód. alc. 461)*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.

_____. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORRÊA, Francisco de Aquino (Dom). Elogio Acadêmico, In. *Revista da Academia Matogrossense de Letras. Revista comemorativa do jubileu de diamante (1921-1966)*. Cuiabá, 1996.

COSTA, Antonio Corrêa da. *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangüeras*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso – (publicações avulsas), n.35, 2001.

COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. Apresentação. In: *Roteiros vários às minas dos martírios*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá: (publicações avulsas), n. 40, 2002.

DIAS, Marieta Prata de Lima. *O léxico do português do Brasil e a representação dos universos semióticos na distância de um século*. São Paulo, 1997.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1997.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *O mistério do ouro dos martírios*. São Paulo: Gráfica Biblos Ltda. – Editora, 1960.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Secretaria da Cultura - Divisão de arquivos do Estado, 1979.

FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil: 1875-1878*. Rio de Janeiro: Pinheiro, 1880.

FONSECA, Walter. *Fonseca: uma família e uma história*. São Paulo: Obelisco, 1982.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

LEVERGER, Augusto. *Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso – (publicações avulsas), n. 19, 2001.

MAGALHÃES, Couto de. *Viagem ao Araguaia*. Brasília: INL, 1975.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português: Estudo lingüístico da Galiza e do nordeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian © Junta Nacional de Investigação Científica e tecnológica. 1986.

MARCÍLIO, Umberto. In: *Revista da Academia Matogrossense de Letras*. P.35, 1963.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Nos territórios da língua (lingüística histórica e filologia hoje: redefinindo fronteiras). In: *Estudos lingüísticos e literários*. n. 14, pp. 113-26, dez. 1992.

_____. *Orientações atuais da lingüística histórica brasileira*. D.E.L.T.A.,15 (nº. especial), 147-166.

MEGALE, Heitor. *Pesquisa Filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa*, em: *Estudos Lingüísticos XXVII*, São José do Rio Preto: UNESP-IBILCE, pp. 3 a 28. 1998.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Secretaria de Educação, 1953.

PACHECO, Félix. *Centenário do autor da viagem ao redor do Brasil O*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1935.

PÓVOAS, Nilo. *Galeria dos varões ilustres de Mato Grosso*. v.3, Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.

ROBERTS, Ian e KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo, Campinas: editora da Unicamp, 1996.

SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Documento brasileiro do século XVIII para estudos lingüísticos XXIX-GEL*, Assis, UNESCO, 1999.

_____. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2000.

_____. In: *Polifonia*, Cuiabá, n. 6. v.1, pp. 33-45, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica (crítica textual)*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.

SUANNES, S. *Ouro, prata e Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1965.

TARALLO, Fernando. (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes editora, 1989.

VALENTE, José Augusto Vaz. *Álbun de paleografia portuguesa*. Documentos Brasileiros. São Paulo: USP ECA; 1983.

ANEXO I – Aparato das Variantes

ANEXO II – Testemunho C

ANEXO III – Outros Documentos Relativos aos Martírios

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)